

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO
INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA
BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI
NOVA SÉRIE
BELÉM — PARÁ — BRASIL

ANTROPOLOGIA

Nº 58

14, MAIO, 1975

SÃO JOÃO — POVOADO DO RIO NEGRO (1972)

Adélia Engrácia de Oliveira (*)
Museu Goeldi

RESUMO: Dados etnográficos preliminares sobre a povoação de São João, à jusante de Santa Isabel do Rio Negro (Tapuruquara) - AM. Além de um esboço histórico da colonização dessa área, é focalizada a morfologia do povoado, as atividades econômicas, o relacionamento social, o ensino, a comunicação e as manifestações religiosas. Discute-se: a possibilidade de seus habitantes serem enquadrados dentro das características do camponato; o ritmo lento de transformação em ocorrência; a interação com o grupo de vizinhança e a região, e o reflexo de acontecimentos nacionais e internacionais na vida social.

INTRODUÇÃO

Em outubro-novembro de 1972 procuramos atingir o Içana, subindo o rio Negro (1), uma vez que aquele local fora o escolhido para a continuação dos estudos sobre as povoações do rio Negro, estudo esse iniciado em 1951 e 1954-5 por Galvão (1959), como parte do projeto sobre os processos de mudança cultural que operam numa sociedade regional, e prosseguido por Oliveira em 1971 (Oliveira & Galvão, 1973). Todavia, por causa das dificuldades de acesso aos

(*) — Bolsista do C.N.Pq.

(1) — Tivemos então as facilidades oferecidas pela Expedição Permanente da Amazônia, financiada pela FAPESP e dirigida por Paulo E. Vanzolini, do Museu de Zoologia da U.S.P., a quem agradecemos. Esses agradecimentos também se estendem a Eduardo Galvão, que participou da excursão e que além das sugestões que nos forneceu em campo, deu-nos permissão para citar notas que coletou em 1951 e 1954, nessa mesma região.

rios Içana e Uaupés pelo encachoeirado de seus cursos, a falta de "práticos" e o calado dos barcos, acabamos retraídos para as vizinhanças de Santa Isabel (Tapuruquara) — médio rio Negro. Entre as alternativas possíveis escolhemos o povoado de São João, situado à jusante de Santa Isabel, cerca de 2h a motor. Seus moradores, caboclos e "índios descidos do alto", porém aculturados ao modo de viver regional, respondiam em suas atividades a um tipo de subsistência interna com base em roças de mandioca, outros produtos, pequena criação de porcos e galinhas e o que a pesca oferecia. Outros tipos de atividade como o "fabrico da borracha", coleta de cipós industrializáveis e de peles de caça, eram suplementos na economia local.

Apesar do pouco tempo que estivemos em campo e do caráter preliminar dessas notas, achamos que as mesmas deveriam ser publicadas, uma vez que há carência de dados sobre essa área. Pelas características sócio-culturais da povoação abordada, julgamos que o seu estudo seria significativo para o objetivo de nossa pesquisa, pois o interesse básico era o de dar informações sobre esse segmento da unidade regional a fim de que, através do conhecimento das situações particulares que integram essa região, pudéssemos futuramente alcançar a compreensão da área do rio Negro como um todo.

Daremos a seguir um resumo da história do contato entre índios e não índios no rio Negro, para u'a melhor visão e compreensão da formação do povoado que constituiu o foco de nossa pesquisa. Depois serão registrados dados preliminares sobre aspectos variados da sociedade e da cultura abordada.

HISTÓRICO — esquema

Resumidamente, a história social e econômica do rio Negro, compreende as seguintes fases (2):

(2) — Nosso esquema difere em parte do apresentado por Galvão (1955: 148-56, 179-85 e 1964: 331 e ss) que fornece um es-

— a) *período colonial-expansionista*, da ocupação portuguesa nos séculos XVII e XVIII, quando houve o devassamento da área iniciado com a fundação da Vila da Barra, hoje Manaus, em meados do séc. XVII e prosseguido com a exploração do alto curso do rio em 1725 e com a fundação de fortalezas no rio Branco, São Gabriel e São José de Marabitanas entre 1752 e 1763 (Baena, 1969:164, 176-7). É uma fase marcada pelo estabelecimento de feitorias e missões, quando o índio era “descido” do alto rio para a catequese ou o trabalho compulsório nos centros urbanos que surgiam. Além dos descimentos, os “resgates” de prisioneiros indígenas, as “guerras justas” e o regime das missões (3) evidenciam que nesse período as relações entre índios e dominadores assumiram um caráter violento, contribuindo, juntamente com o contágio de doenças, para o decréscimo populacional da área e a destribalização dos grupos mais expostos. Nessa fase a economia regional foi orientada para a atividade extrativista, predominando a coleta de “drogas do sertão”, tais como o cravo, a salsaparrilha e outros produtos naturais, sendo o índio utilizado como a mão-de-obra essencial, o que deu como conseqüência um relativo abandono de suas técnicas agrícolas tradicionais;

— b) *período nativista*, situado nos séc. XVIII e XIX e que “marca a integração dessa região ao quadro nacional que se esboçava com sucesso da autonomia política da nova nacionalidade sobre a metrópole portuguesa” (Galvão, 1964: 332). Surgem movimentos revolucionários nativistas como a *Cabanagem*. Embora a coleta de produtos naturais ainda predominasse, houve uma experiência agrícola por intervenção estatal (Reis, 1944), sendo que:

...essa experiência alcançou seu ponto alto durante a administração de Lobo D'Almada, que assumiu o governo da Capitania em 1779.

boço do desenvolvimento histórico do vale do Amazonas e por Wagley (1967: 43-8). O presente resumo, caído principalmente em Galvão, diz respeito apenas à região do rio Negro.

(3) — A esse respeito cf. Daniel (1840-41) e Betendorf (1910).

Além de reforçar e estimular o programa agrícola, atacou o da mão de obra, recrutando à força d'armas o índio mais arreado ao trabalho para o colono, intensificando de muito os "descimentos", embora com isso contrariasse os regimentos protecionistas baixados pela coroa em favor dos índios (Galvão, 1964 : 334);

— c) *período da borracha*, que se inicia na segunda metade do séc. XIX e vai até o início do séc. XX. Teve como ponto básico a coleta da borracha, produto esse que entre 1870 e 1910 absorve as demais atividades econômicas da região. O índio deixa de ser a mão-de-obra essencial e começa a imigração de nordestinos, espanhóis e outros, além dos portugueses, para a área amazônica. O indígena, "não assimilado ou acomodado retrai-se para as aldeias e territórios isolados, diminuindo sensivelmente a sua absorção pela sociedade regional. Firmam-se, tão definitivamente como o permite a economia local, as freguezias, povoados e centros urbanos" (Galvão, 1964:332);

d) *período de decadência e diversificação de atividades*. Após a queda de preços da borracha, esta e outras variedades de goma continuaram a ser procuradas dada a sua larga aplicação industrial. Atualmente, além da seringa, da balata, sorva, ucuquirana e outras gomas, buscam-se "cipó titica" e piaçaba. Embora em pequena escala, o índio continuou a ser "descido" das regiões do Içana e do Uaupés para o médio e baixo rio Negro a fim de trabalhar na extração de produtos naturais. Em função desses descimentos (4) surgiram novos sítios e povoados onde coabitam indígenas e caboclos. Alguns desses últimos em geral têm ou tiveram a função de capatazes para o arrebanho dos trabalhadores. Nos dias atuais, havendo-se ampliado os meios de comunicação, o processo de mudança cultural tem-se acelerado, uma vez que a perda de isolamento é crescente.

(4) — Vejam-se os apêndices nº 1 e 2 sobre os "descimentos" feitos em função da catequese ou para a atividade extrativista e serviço público.

A abertura da estrada Perimetral Norte vai injetar novos fatores de mudança e um novo horizonte nas relações entre índios maloqueiros e caboclos, estes já de procedência mista e com novas aberturas para a exploração econômica da área, dando margem provavelmente a um quinto período.

Entre os povoados surgidos nesses últimos anos e formados por caboclos e índios "descidos" do alto rio Negro para trabalharem em atividades extrativistas no médio e baixo curso, encontra-se São João que é o objeto de nosso trabalho.

O POVOADO

São João se localiza num barranco à margem direita do paraná São João (entre a margem direita do rio Negro e ilha São João), cerca de 2h (a motor) à jusante de Santa Isabel do Rio Negro (Tapuruquara)-AM. É rodeado por uma mata de várzea, rasa, e por capoeiras nos terrenos mais altos. Há cerca de 50 anos era um sítio abandonado. Foi reerguido por integrantes de duas famílias cujos chefes eram cunhados, um nativo da área e outro proveniente do Rio Grande do Norte. Posteriormente o filho de um deles subiu o rio Negro indo até o alto Uaupés (Caiari), de onde trouxe uma família de índios Tukano (aproximadamente 10 pessoas). Desses índios "descidos", apenas um estava vivo em 1972, já possuindo um neto. Vieram para fazer roçado e trabalhar com as variedades de goma, essencialmente a seringa e a ucuquirana. Tempos depois o mesmo indivíduo que fora até o Uaupés esteve no Içana cumprindo uma pena judicial e, quando regressou, trouxe consigo uma mulher e 2-3 homens Baniwa para trabalharem sob o regime de aviamento. Esses índios, porém, aí ficaram pouco tempo. Seu capataz abandonou a esposa e foi residir nas proximidades de Manaus, onde trabalha com madeira. Nesse meio tempo São João aumentou populacionalmente falando, pois, além de parentes do líder da povoação que se agregaram ao sítio, vieram

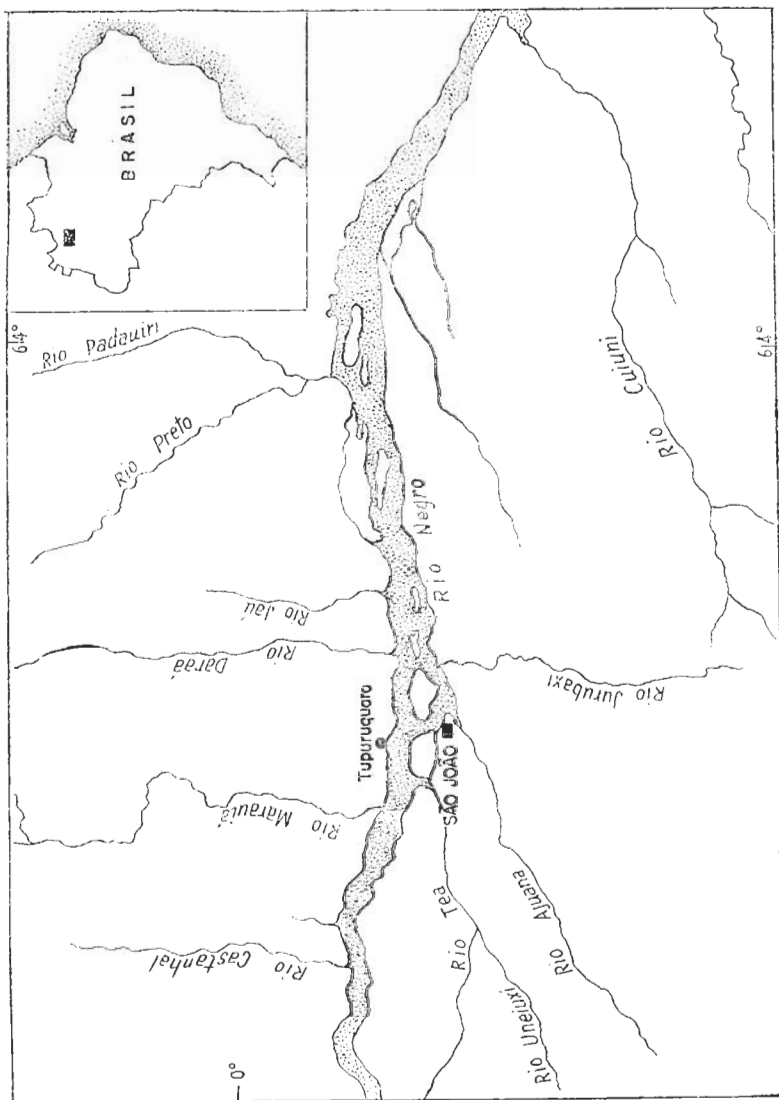


Fig. 1 — Localização do povoado de São João

homens e mulheres que se uniram maritalmente a indivíduos ali residentes. Atualmente conta com 50 pessoas, 19 mulheres e 31 homens, distribuídos por 11 famílias nucleares. Essas famílias incluem não apenas caboclos de ascendência dita nacional (brasileiros) como elementos de extradição indígena recente: — Tukano (rio Uaupés) e descendentes imediatos, Baniwa (rio Içana), Baré (rio Negro), Piratapuio (rio Uaupés) e Tariana (rio Uaupés). Os caboclos são de procedência variada: — Rio Grande do Norte e Baixo Amazonas. Há os que dizem descenderem de pessoas originárias de Portugal, Venezuela e África.

As construções que formam o povoado, em n.º de 9, foram erguidas na parte alta da *terra firme*, barranco este que está acerca de 4-5m de altura do nível do paraná São João, na estação seca. Essas construções estão dispostas ao longo da margem, com suas frentes voltadas para a mesma. São seis moradias habitadas, uma capela, uma escola que no momento da pesquisa não estava em funcionamento e um rancho de festa. Com exceção da escola (5), de parede de madeira e teto de zinco, as demais construções são de taipa, cobertas de palha. O chão da escola é de cimento e o das residências é de terra batida ou assoalhado com táboas. A capela diferencia-se das demais construções por ser caiada internamente.

Cada habitação possui, nos fundos, um caminho que vai dar numa estrada única que leva às roças.

O terreiro que circunda o povoado está plantado com árvores frutíferas tais como taperebá, abiu, cucura (mapati) ou uva do rio Negro, mamão, manga, laranja, lima, limão, tangerina, abacate, côco, ingá, cupuaçu, caju e biribá. Essas plantações, dizem, vêm sendo desgastadas pela saúva.

(5) — Próxima à escola, em direção à mata, há uma tapera que era a residência de um indivíduo hoje com comércio em Santa Isabel do rio Negro (ou Tapuruquara).

ATIVIDADE ECONÔMICA

A economia de São João é sobretudo de atendimento a necessidades de subsistência interna, embora haja um pequeno *surplus* comerciável: a farinha de mandioca. Além disso, parte de seus moradores estão engajados em atividades extrativistas, o que os fez perder a auto-suficiência e passar a depender do comércio e aliciamento de seus membros para a extração de produtos vegetais naturais.

O ciclo econômico, nessa região, está na dependência não apenas das épocas de chuva (abril a setembro) ou de estio (meses restantes), conhecidas por "inverno" e "verão" respectivamente mas, também, da cotação do preço dos produtos na bolsa ou no mercado internacional, o que faz variar principalmente a procura dos mesmos. Através de emissoras de Manaus, ouvidas em radinhos de pilha, nossos informantes tomavam conhecimento dos preços das mercadorias em ofertas e buscas pelos regatões que comerciam pelo rio Negro e adjacências.

Além da atividade de subsistência básica dessa área, que é a derrubada, queimada, coivara e plantio da roça, os habitantes de São João dedicam-se à coleta ou extração de: sorva, ucuquirana, seringa, maçaranduba, rosada (variedades de goma), cipó títica, castanha, piaçaba e puxiri ("fruto cheiroso que serve para remédio"). O trabalho com este último é incerto, sendo o mesmo coletado quando os informantes estão em empresa de outro produto. Segundo eles, "ninguém tira "aviação" só para o puxiri". Muito raramente trabalham na extração de madeira.

Atividade extrativista

Através da tabela 1 podemos ter uma visão comparativa das características essenciais da atividade extrativista vegetal dos habitantes de São João, atividade essa que é basicamente masculina. Observamos que, excluída a seringa

(borracha), os demais produtos são preferencial ou exclusivamente coletados no "inverno" porque, segundo os informantes, localizando-se eles próximos a Igarapés, na época das cheias podem utilizá-los como meio de acesso e de transporte para algumas das variedades de goma, as "piraíbas" de piaçaba, os "pacotes" de cipó e as castanhas. A borracha (seringa), por sua forma de extração, cortes de linhas paralelas, em diagonal (tipo bandeira) ou cortes convergentes para um sulco central (tipo espinha de peixe) (6), sendo o látex recolhido em latas ou cabaças, exige que essa atividade seja feita no período de seca, de outubro a janeiro preferencialmente, uma vez que em fevereiro "não dá mais para trabalhar porque com a chuva alaga tudo e a seringueira é uma árvore de várzea".

A tabela indica também que as características tecnológicas desse tipo de atividade são bastante precárias e digamos mesmo cansativas, esgotantes e pouco produtivas, uma vez que com exceção da seringa, as demais variedades da goma têm que ter seus troncos abatidos para que o produto seja obtido. Isso torna a atividade dispersiva, pois, sendo um produto natural, em pouco tempo exaure-se uma área. Também o cipó e a piaçaba são obtidos de forma rudimentar, cortando-se o vegetal com o uso de facas, facões ou terçados. Quanto à coleta de castanha, apesar dos castanhais serem encontrados de modo gregário, o que facilita a sua exploração, não é uma atividade muito comum, porque a sua safra coincide com a da sorva e da ucuquirana que, em 1972, eram os produtos mais procurados naquela região. Além do mais, a queda dos ouriços, dada a sua altura, oferece perigo aos coletores.

A maneira de coletar e preparar esses produtos vegetais que, em muitos casos, serão utilizados como matéria-prima, poderá ser vista também na tabela 1.

O sistema econômico que envolve esse tipo de atividade (extrativista) é, geralmente, o de crédito por aviamento,

(6) — Sobre esses processos veja-se Galvão (1959 : 19) e Reis (1953).

ou seja, o pessoal recrutado como mão-de-obra recebe como pagamento adiantado pelo produto que deve entregar dentro de um determinado prazo, o material necessário não só à sua permanência dentro do mato, mas também à sobrevivência de seus familiares. Nossos informantes enumeraram as seguintes mercadorias: — café, açúcar, querosene, fósforo, tabaco, camisa, calça, munição, linha de nylon e anzol para os que partem numa empresa. Para os parentes que ficam eles tiram, a crédito: — rede, cobertor, sapato, pano (fazenda), calça, cachaça, camisa, vestido, perfume, óleo para cabelo e “tudo o que precisarem”.

Atualmente, em São João, são poucos os que se dedicam à extração de produtos nativos porque, segundo eles, as “empresas” têm rendido pouco. Conseguimos de apenas um a afirmação de que se achava preso por uma dívida de aviamento a um comerciante de Tapuruquara, havendo essa dívida sido comprada de um regatão. Os outros diziam estar a trabalhar por conta própria, em extração de sorva, ucuquirana e seringa ou na fabricação de farinha, só efetuando o escambo no momento em que entregavam a mercadoria ao regatão. Mas, pelo que pudemos observar, mais uns dois achavam-se presos a dívidas e um deles estava sendo chamado para atuar como empreiteiro para um regatão, numa empresa de borracha.

De acordo com os informantes o mecanismo de atração de mão-de-obra que envolve os habitantes da povoação e que vigora em toda a região, foi e continua sendo o seguinte:

1.º) o regatão, vindo de lugares os mais diversos, desde o rio Solimões (AM) até o rio Padauri que fica no médio rio Negro, próximo ao local em estudo, avia um intermediário, residente na localidade, que servirá de empreiteiro para a empresa;

2.º) esse intermediário, por sua vez, alicia outros membros de sua própria povoação, das localidades vizinhas (médio rio Negro) e, raramente, vai recrutar mão-de-obra na área

dos rios Uaupés e Içana, no alto rio Negro. Há ocasiões em que esse empreiteiro não vai à procura de mão-de-obra para recrutar mas esta vem espontaneamente até ele. São homens, principalmente jovens, que estão à espera de uma oportunidade para melhoria econômica, embora em geral essas empresas redundem em fracasso nos dias atuais, pelo seguinte: — a) os produtos nativos estão rarefeitos, tornando-se difíceis de serem encontrados. Segundo um informante, “eles andam mais do que trabalham”; — b) a falta de condução própria muitas vezes dificulta o acesso ao produto; — c) o preço pago a esse produto, pelos compradores, é irrisório, principalmente se comparado com o preço atribuído às mercadorias que entregam aos “aviados”. O que está começando a ocorrer, então, é que esse tipo de atividade econômica não está rendendo e os habitantes de São João preferem fazer farinha e, uns poucos, dar aulas a pedido dos padres da Missão Salesiana. A perspectiva de todos, porém, parece ser a de querer abrir uma “roça grande”.

Em linhas gerais daremos o depoimento de um informante a respeito de aviamento a aviados. Diz ele que trabalhou como empreiteiro para o indivíduo A, num fábriço de sorva. Antes disso, porém, trabalhava com patrão mas nunca tinha nada. Aí resolveu abrir uma roça e foi com ela que conseguiu alguma coisa. Com a farinha ele não tinha patrão e vendia-a a quem pagasse melhor, fosse piaçabeiro, sorveiro ou seringueiro. De uma certa feita em que estava sem roça, por causa dos estragos feitos pela saúva, pediram-lhe para servir de “aviado” num fábriço de sorva. A mão-de-obra recrutada foi o pessoal de São João e das redondezas e, de acordo com o informante, eram eles que vinham pedir para trabalhar. O fato se deu em 1970. O *patrão* entregava a mercadoria ao nosso informante, o qual, por sua vez, aviava o pessoal. Ao mesmo tempo ele trabalhou como freguês. Fez isso duas ocasiões e parou por causa de um fracasso devido a doença e falta de rendimento do produto. A despesa foi maior porque alguns tiraram a mercadoria e não qui-

seram trabalhar, indo embora. Isso ocorreu nas duas vezes. Foram quatro a se aviar e, dos quatro, só um pagou. Mesmo assim, quem pagou para ele foi um outro patrão que comprou a sua dívida. Dessa forma ele passou a dever a esse indivíduo e não mais ao nosso informante. Ficou a trabalhar para o novo patrão até que um comerciante de Tapuruquara (Santa Isabel do rio Negro), comprou a sua dívida. Essa situação perdurava no momento da pesquisa e, diante do sistema de crédito e aviamento ali corrente, ele dificilmente terá condições para saldar o que deve.

Tal depoimento indica que o trabalhador em débito poderá circular como se fosse mercadoria, entre os *patrões*.

Quanto ao regatão, ele se apresenta com duas modalidades: 1.º) aquele que trabalha por conta própria e 2.º) aquele que está subordinado a um outro regatão maior, a um outro patrão ou a uma grande casa aviadora de Manaus. Os dessa segunda categoria em geral inflacionam os preços dos produtos entregues como aviamento, porque por sua vez eles estão subordinados aos comerciantes citadinos. Todavia, quer estejam a explorar ou não seus aviados e, na verdade, não dispomos de elementos comparativos para verificar se a exploração ocorria, baseada em fatos e não apenas em depoimentos de informantes, o certo é que em grande parte os regatões poderão ser considerados "os veículos da civilização". Novidades em plástico, esmalte de unha, fazendas, latarias e objetos variados são levados aos habitantes do interior dessa área por esses comerciantes do rio. O regatão, em que se conteste sua figura como "explorador", derivada de sua posição de intermediário de intermediários na cadeia centro urbano-alto rio, atuam por outro lado como vendedores ou "marreteiros" da cultura urbana. As Missões, por sua vez, contribuem também para o processo aculturativo dessas populações.

Na atualidade os regatões que trabalham para as grandes firmas comerciais de Manaus parecem ter-se "pulverizado" diante de problemas de crédito e baixa cotação dos pro-

dutos nativos. Hoje só o pequeno regatão subsiste precariamente. Firmas como J. G. de Araújo e Higson retraíram em muito as suas atividades na área, por anti-econômicas.

Das notas de campo de Galvão (Ms, 1951) transcrevemos um texto que contém observações sobre o esquema clássico de aviamento e o papel das grandes casas comerciais de Manaus:

A viagem a bordo do Madeirinha decorreu muito boa, embora demorada pelas paradas freqüentes. Gozamos de relativo conforto e já ao jantar do primeiro dia estávamos à vontade, especialmente com Carvalho, o caixeiro da embarcação. Nossa primeira parada foi em Tapeauçuçu, seguindo Airão, Carvoeiro, Barcelos, Piloto, Boa Vista e finalmente Providência. Além destas aportamos a muitos barracões e em alguns lugares ficamos ao largo à espera das canoas que vinham da terra. Apenas dois lugares têm a população aglomerada em um povoado, Carvoeiro e Barcelos, que é, aliás, a sede do Município. Os restantes, mesmo aqueles como Airão, que no passado foram vilas importantes, estão hoje reduzidos a uns poucos habitantes, assim mesmo espalhados pela barranca do rio ou sediados nas ilhas. A borracha, piaçaba e castanha são os produtos explorados. Com o início do verão os moradores ainda se espalham mais para dedicar-se à coleta da borracha, mais abundante nas ilhas.

J. G. tem fregueses desde Tapeauçuçu até Santa Izabel. O motor é um verdadeiro motor de regatão, pois além dos aviamentos a pedido, é grande o movimento de compras na expedição, isto é, pedidos feitos na hora, sobre os quais se cobra uma taxa de 20% sobre os preços da casa em Manaus. O serviço de expedição não é tanto lucrativo como uma maneira de arranjar fregueses ou conservá-los quando não dispõe de grande crédito para aviamentos maiores. O sistema de aviamento obedece aos moldes clássicos da Amazônia: — a casa aviadora em Manaus fornece a um patrão gêneros e material necessário à exploração dos seringais, castanhais ou da piaçaba. A mercadoria é fornecida a crédito, saldando-se o débito com a entrega da produção. O patrão que atua como um pequeno aviador, fornecendo a seus fregueses é, pelo menos em teoria, ressarcido gradualmente com a entrega do **produto**. Um aviamento desse tipo orça entre um mil e dois mil cruzeiros. J. G. possui grande número de pequenos fregueses aos quais avia na **expedição**. Na realidade desapareceram os grandes patrões, substituídos que foram pelo próprio J. G. ou arruinados pela oscilação de preços da borracha ou a irregularidade da safra. Exceto por Airão e Piloto, não observamos um único grande barracão de seringalista. É elevado, porém, o número de barracas que abrigam uma ou duas famílias

e compram na expedição do J.G.. A alguns deles a Casa dá em concessão um seringal. O freguês fica obrigado a entregar toda a produção à Casa, caso contrário é expulso do seringal. É extremamente difícil o desvio do produto, seja por força das circunstâncias, demora do motor, como observamos em um caso, em que os fregueses justificaram-se alegando que não podiam passar fome à espera do motor que tardava, ou porque os regatões oferecem algumas vezes preços mais vantajosos. Os regatões não dispõem de capital suficiente para a compra em grande escala. Limitam-se a pequenas partidas. Compram principalmente o sernambi, látex coagulado naturalmente ou sobra da defumação dos **bolões**.

As casas aviadoras atuam como financiadoras e intermediárias. O produto é embarcado, correndo o frete, estiva, impostos de venda e exploração de terras, comissões, etc., por conta do freguês, o que onera o produto em mais ou menos 30%, além da quebra entre 10 e 20% resultante da classificação da qualidade do produto.

Os fregueses que possuem seringais têm relativa liberdade de comerciar, mas apegam-se mais a uma casa, ou a ela ficam obrigados por débitos a saldar. Os regatões recolhem apenas as sobras, ou então buscam os paranás e igarapés onde o motor não passa. A ocasião da chegada do motor é uma de folga. O pessoal sobe a bordo, faz os pedidos e demora-se a conversar e indagar das novidades. Alguns arranjam um jornal e muitos compram revistas ilustradas como **O Cruzeiro**, **Vida Doméstica**, **Careta**, **Noite Ilustrada** e até mesmo **O Fiso** (?). As mulheres não sobem à bordo, ficam no barranco. Admiramo-nos da saída de certos produtos, especialmente do Leite de Rosas, que é aparentemente o perfume preferido. Há grande procura de leite condensado, **Nescau** e carne em conservas. Carne de gado não existe. Nosso motor já saiu de Manaus com uma vaca para rancho e em Airão foram adquiridas duas novilhas. De Airão para diante só encontramos umas poucas cabeças em Barcelos, e daí em Tomar. Pirarucu seco é o recurso. Na expressão de um companheiro de viagem, um velho maranhense, é "o boi do Amazonas". Entretanto sua carne não é bem reputada, sendo tido como "remosa" — "abre ferida em todo o corpo". Dois dias a bordo passamos a osso e pirarucu, e até que bem preparado, o que não impediu o motorista de reclamar "que esse motor é muito desorganizado, só dão pirarucu, isso é comida de preto".

J. G. não viaja à noite. Entre 10 e 11 horas para no primeiro porto ou barranco. O prático é o velho Tito que já tem para mais de 30 anos de ofício, diz que agora tem medo, já está muito velho e fica ner-

(7) — Algumas dessas revistas como a **Vida Doméstica** e **Noite Ilustrada**, hoje estão fora de circulação.

voso, já chega até a esquecer o canal. O motor João e a chata da SNAPP viajam noite e dia, esta última faz a viagem mais rápida pois vai direto a Carvoeiro e daí a Barcelos e Tapuruquara. Para apenas nos portos de lenha.

Pelos idos de 50 os dois grandes aviadores eram *Higson* e *J. G.* em aberta competição pelo já escasso mercado. Nesse meio tempo Higson abandonou a área para fortalecer sua influência em outras do Amazonas. O viajante do J.G. desarmou duas embarcações e passou a fazer seu comércio sediado na "chatinha" da linha de navegação mantida mensalmente pela então SNAPP.

Quando retornamos à área, em 1972, a situação havia-se alterado pois o comércio era feito apenas por regatões e não mais pelas grandes casas comerciais de Manaus.

A área de ação dos extrativistas residentes em São João tem-se estendido das cercanias de São Gabriel da Cachoeira (Uaupés) a Carvoeiro, abrangendo pois todo o médio rio Negro e parte do alto e baixo rio. Mas o local mais buscado é o rio Padauri e imediações (médio rio Negro).

Na atualidade a sorva e a ucuquirana são os produtos mais procurados, o inverso ocorrendo com o cipó. E, de acordo com os informantes, pedem a ucuquirana "pura, sem mistura". Uma caixa de papel dá até 80k. e era paga à razão de \$2,00 ou \$2,50 o quilo em 1972. Quando a querem misturada, a sorva que dá em caatinga é adicionada à mesma, ficando um produto de segunda que é comprado por \$1,80 o quilo. Quando tem mais sorva do que ucuquirana, dá um produto de terceira. Esta modalidade, porém, os regatões não mais procuram. A borracha (seringa) já defumada era comprada a \$3,00 ou \$3,50 o quilo, enquanto que a líquida (látex) estava dando a \$400,00 o tambor (200 l.) (8). A sorva era comprada a \$1,30 o quilo e a castanha era buscada pagando-se \$3,00 a caixa (contém 3 latas). A *tara* variava conforme o

(8) — O látex líquido envolve um processo mais complexo: fornecimento de tambores e anticoagulante à base de amônia e densímetro.

patrão, de 10% a 30%, havendo alguns que nem pesavam o produto do freguês, dando-lhe o que bem entendiam. E apesar de saberem o preço, uma vez que escutavam a cotação através de rádios de pilha, conforme já foi explanado, eles aceitavam a situação pela falta de oferta de trabalho.

Atividade agrícola — a roça e a produção de alimentos

A base da subsistência dos habitantes de São João e cercanias é a agricultura de derrubada e queima da mata, para o plantio quase exclusivo de mandioca. Plantas como a macaxeira, o milho, o cará, a batata-doce, a cana-de-açúcar, o urucu, o cubiu e a pimenta são cultivadas em pequena escala. Notamos que em uma das roças havia muitos cajueiros e pés de abacaxi ou ananás. Aliás estes últimos servem de cerca para separar roças diversas. Outros frutos como banana e pupunha são também raramente cultivados.

A saúva infesta essa área e é um dos maiores problemas a enfrentar. Vimos plantações de mandioca estarem sendo totalmente destruídas e como eles não têm condições econômicas de combater essa praga, a solução era abrir outra roça embora de antemão eles já soubessem que dentro em breve essa também estaria sendo atingida pelas formigas. Há pouco tempo atrás o terreiro que circunda as moradias era repleto de árvores frutíferas que foram em grande parte arrasadas pela saúva, conforme já se explanou anteriormente. Pés de açai, tucumã, patauí e umari são encontrados em forma nativa, isto é, não cultivada.

A atividade agrícola é a "roça". Escolhe-se um terreno, derruba-se a mata que em seguida é queimada, pratica-se a coivara, cava-se, planta-se e replanta-se.

Durante o trabalho de campo, em outubro e novembro de 1972, quatro famílias estavam a derrubar mata para abrir uma roça em redondo. Dão, simultaneamente, cortes em diversas árvores, de forma que ao derrubar uma, esta esbarra nas outras e caem várias ao mesmo tempo. O recrutamen-

to de trabalhadores é feito por meio do *ajuri*, nome que dão ao mutirão nessa área. No dia marcado, logo cedo os homens convocados se reúnem na casa do dono da roça, onde bebem "Nescau" (chocolate) ou café e comem bolachas ou tapioca. Apesar do *ajuri* ser feito com rapidez, costumam levar farinha para o *chibé*. Este lhes "dará forças" durante o trabalho que é realizado com bastante entusiasmo. À noite reúnem-se num rancho de festas, onde o café é servido primeiro aos homens e depois às mulheres. E cachaça pro gasto. Às vezes dançam ao som de músicas entoadas por um deles ou de uma eletrola de pilhas. O *ajuri* geralmente é composto por 5 ou 6 homens aparentados entre si, da própria povoação. Algumas vezes vêm pessoas de outras povoações vizinhas, convidadas para ajudar.

Enquanto que a derrubada e a coivara são trabalhos essencialmente masculino e coletivo, a queimada e o plantio são feitos pelo casal, ocasionalmente ajudado pelos filhos. As viúvas costumam ter suas roças próprias, no que são auxiliadas pelos filhos. O compadrio funcionava nessa povoação como uma instituição bastante coesa de atribuição de direitos e deveres e, no caso em questão, verificamos que u'a mulher, residente em outra localidade e comadre de um dos habitantes da povoação, que pedira a este um pedaço de roça porque seu marido nunca derrubava a mata, recebera um pequeno trecho já devastado, em São João, cabendo a ela o plantio.

A colheita também é realizada pelo casal e filhos.

O tamanho da área, aberta geralmente em redondo, sendo que o círculo formado é irregular, depende das necessidades da família e, por vezes, de um pequeno excedente de mandioca para a fabricação de farinha que deverá ser comerciada com os regatões. Vimos famílias com duas roças, abrindo uma terceira.

O calendário agrícola, em linhas gerais é o seguinte: — no "verão" ou seja, na seca, abrem as roças, dão início ao

plântio ou replântio e colhem nas roças antigas, enquanto que no "inverno", época das chuvas, limitam-se à colheita e ao plântio e/ou replântio.

A área cultivada é produtiva durante os 2-3 primeiros anos. Depois desse período os roçados transformam-se em capoeiras, o que leva a um desgaste da mata virgem que fica ao redor do povoado, aumentando a distância das roças. Este desgaste do solo, somado ao flagelo das saúvas, torna a vida econômica do habitante de São João bastante dura.

Para se chegar às roças, parte-se de um caminho cujo início é ao fundo de cada residência. Depois de um certo ponto esses diversos caminhos, que convergem para um só, encontram-se e, a partir daí, tem-se uma estrada única. As roças são abertas umas ao lado das outras. Somente uma família tinha seu caminho particular.

O roçado mais distante possuía uma cabana de duas águas, construída de paus e coberta com palha, sem paredes. Servia de abrigo para o sol ou chuva e era onde seus donos trabalhavam com a mandioca, no preparo da farinha. Por causa da distância, preferiam carregar a farinha já pronta, em paneiros, para o povoado, ao invés das raízes.

A mandioca é o principal cultivo. É processada para a obtenção de tucupi, farinha, massa puba, polvilho e tapioca.

Tucupi — é extraído da mandioca ralada e prensada no tipiti. Depois de cozido, o que é feito em geral cerca de 24h. após ser tirado, o líquido é deixado ferver, colocam-lhe pimenta e comem-no com peixe. Disseram-nos que há tucupi que adquire uma coloração preta após o cozimento. Este é guardado em litros, misturado a pimenta fresca. Ainda do tucupi fazem um mingau, da seguinte maneira: — depois que ele ferve, adicionam-lhe tapioca e deixam-no cozinhar por mais algum tempo.

Farinha — pode ser preparada tanto da mandioca puba quanto da ralada, misturadas ou não. O tipo mais comum é aquele em que adicionam a massa puba à ralada. Seu pro-

cessamento é: — depois de colhida, parte da mandioca é posta na água, geralmente em igarapés, onde permanece dois dias, para pubar. A outra parte é descascada, ou melhor, é raspada com a faca, trabalho esse executado em geral por todos os membros da família, homens e mulheres (num caso por nós assistido, até os tripulantes de nosso barco colaboraram). Depois essa mandioca descascada é passada no "caititu", sendo a roda movida por um homem, enquanto a mulher segura a mandioca que está sendo ralada. Quase sempre uma terceira pessoa, do sexo feminino, vai lavando, com água, essa massa já ralada, numa peneira de crivo fino. Enquanto isso, já havendo-se passado dois dias que parte da mandioca fora posta a pubar, a mesma é retirada, não havendo chegado a ficar totalmente amolecida. Ela é descascada, depois ralada no "caititu" e em seguida misturada à mandioca "dura", não puba, já ralada e lavada, sendo essa mistura resultante passada no tipiti, depois peneirada e, por fim, torrada em fornos próprios para fazer a farinha. Esse forno é uma chapa de borda rasa, de metal, colocado sobre uma base de barro.

A farinha é o alimento básico e é encontrada em todas as refeições. Dela fazem o *chibé* (água fresca adicionada à farinha, em cuias ou latas) e o *mingau*, que é cozido. Para a fabricação deste último a farinha deve ser colocada quando a água ainda está fria, "senão pega no fundo da panela", segundo nos disse a informante. Para mexer o mingau usam um pedaço de pau que tem a forma de um tridente, numa das extremidades.

Um pequeno excedente de farinha é vendido a comerciantes de Tapuruquara ou trocado com mercadorias de que necessitem, aos regatões. Chegam a entregar 15 paneiros por mês mas, a média atual é de cinco, podendo essa entrega ser o resultado de um aviamento anterior ou não. Muitos trabalham sem patrões, vendendo a farinha a quem pagar melhor. Alguns, porém, são aviados. Os que são livres, quase sempre tiram parte do que entregaram em "coisas que

precisam” e o restante em dinheiro. Um paneiro possui cerca de 30k e o melhor preço que por ele conseguiam, em 1972, era \$25,00.

Como a fabricação da farinha é uma atividade que exige a presença feminina, os homens viúvos, com ou sem filhas pequenas, necessitam comprá-la, o que em geral fazem pela prestação de serviços aos moradores da povoação. Ou, então, obtêm-na pela venda de produtos extrativistas.

Massa puba e massa ralada ou dura — tanto de uma quanto da outra são preparados alimentos especiais, além da farinha. Da primeira faz-se o *pé-de-moleque* e a *massoca*. O pé-de-moleque é feito adicionando-se açúcar, castanha ralada e em pedaços à massa puba, sendo que essa mistura é enrolada em folha de bananeira e assada no forno de torrar farinha. Para o preparo da massoca pegam a mandioca puba, ralam, passam no tipiti, na peneira e torram. O produto resultante, parecido com o polvilho, é misturado ao vinho do açafá. Da segunda prepara-se o *beiju cica*: — a massa dura é passada numa peneira de crivo bem fino e a ela é acrescentado o sal. Em seguida colocam-na em formas feitas de tala de inajá e levam-nas ao forno. Assim que essa massa pega a forma da fôrma, esta é virada em cima do forno de farinha para que o beiju acabe de assar.

Polvilho e tapioca — o polvilho vem a ser o pó que fica depositado pela decantação do líquido que escorre ao se lavar a massa de mandioca ralada. Depois de lavado e decantado em várias águas, já seco, o polvilho é passado na chapa quente dos fornos, transformando-se em grânulos que vêm a ser conhecidos como farinha de tapioca.

Do polvilho fazem um *beiju*, misturando-se o polvilho com massa de mandioca (tanto a puba quanto a dura, ambas raladas e passadas no tipiti, podendo a mistura ser em partes iguais ou possuir mais da dura), passam-na em peneira apropriada e em seguida levam-na ao forno. Fazem também beijus só de polvilho.

A tapioca pode ser comida sob a forma de farinha, misturada ao café ou com água (chibé de tapioca), sob a forma de mingau e de bolo. Para o mingau, adicionam tapioca à água fervente, colocando sal nessa mistura e, para mexê-lo, utilizam o mesmo pedaço de pau com forma de tridente, já mencionado quando falamos no mingau de farinha de mandioca. Algumas pessoas chamam a esse mexedor de maçarico. Quanto ao bolo, fazem duas variedades: — 1.º) o *bolinho*, que é preparado com tapioca, água, sal e, às vezes, ovo de galinha e coco. Pode ser frito ou assado em cima do forno de farinha; — 2.º) o *marapatá*, que é feito com tapioca borrifada de água, sal e castanha ralada. Para assar, enrolam a mistura em folha de bananeira e utilizam o forno de farinha.

As outras plantas cultivadas são preparadas para a alimentação da seguinte maneira:—

Macaxeira — comem-na cozida, assada ou frita.

Milho — cozido ou assado. Segundo os informantes, no momento da pesquisa nenhum dos habitantes da povoação possuía milho. Mas havia uma senhora que estava com espigas secas guardadas para plantio, sendo que as mesmas haviam sido trazidas pelo filho que estuda na missão de Tapuruquara.

Cará — assado, cozido e frito.

Batata-doce — cozida e assada.

Abacaxi — pode ser comido puro ou com tapioca. Do abacaxi fazem um mingau, raspando-o com uma colher e cozinhando as raspas com um pouco d'água. Disseram-nos que ouviram falar que se prepara *aluá* (bebida fermentada) com a casca desse fruto mas que em São João ninguém faz.

Caju — além de ser comido ao natural pode também ser cozido com açúcar. Das castanhas fazem o seguinte preparado: — deixam-nas secar ao sol e depois torram-nas dentro de uma lata. A seguir espocam-nas com um pau para separarem as amêndoas das cascas e pilam-nas até se converte-

rem em pó. Esse pó é cozido e então ingerido. Podem comer a castanha torrada sem qualquer preparado subsequente.

Pupunha — comem-na cozida ou sob a forma de farinha, para a qual é descascada, pilada, passada na peneira e torrada.

Do *açai*, *patauí* e *bacaba* fazem vinho.

Pimenta — tanto a pimenta verde quanto a *juquitaia* são utilizadas como tempero. Para preparar a *juquitaia*, a pimenta é posta a secar ao sol, depois é pilada e novamente é colocada, com sal, a torrar ao sol.

Banana — comem-na ao natural e fazem mingau (caribé) pelo processo de amassá-la com o mexedor de pau (maçarico) e de adicionar água e farinha a essa massa. Da banana comprida fazem *fritos* (fatias que são fritadas) e mingau fervido. Quando ela (banana comprida) ainda é verde, costumam ralá-la e depois cozê-la com sal. Quando está madura é partida ao meio, no sentido horizontal, e cozida sem sal nem açúcar.

Cubiu — é comido cru ou cozido com sal e pimenta ou com açúcar. Também costumam cozê-lo e depois colocam o açúcar.

Urucu — é utilizado como tempero após o seguinte preparo: — os caroços são deixados em infusão. Depois são esmigalhados e coados. O líquido que escorre é guardado em litros e usado como condimento.

* * *

O combustível utilizado para o preparo dos alimentos é essencialmente o carvão, obtido em caieiras. Fazem também uso da lenha.

A caieira em geral é formada por uma cova retangular, sendo que em um dos lados menores há um paravento feito de folhas de sororoca sustentadas por paus fincados na terra. A lenha é posta a arder, dentro da cova, coberta por areia e folhas de sororoca, ficando apenas uma pequena abertura circular que funciona como chaminé. Quando cessa

de sair fumaça essa abertura é tampada e o carvão é retirado depois de uns 2-3 dias.

O fogão que utiliza o carvão como combustível é feito de barro e em geral possui 2-3 bocas centrais, independentes uma da outra e tendo cada uma delas, lateralmente, uma abertura por onde se abana o fogo.

Caça, pesca e "criação" de porcos

Em complementação à atividade agrícola, os habitantes de São João recorrem à caça e pesca para a sua subsistência. Criam também um pequeno número de porcos sendo os mesmos abatidos em ocasiões festivas ou em época de grande escassez de alimentos. Talvez o termo criar não seja o mais próprio para esses animais, uma vez que são deixados totalmente à solta, procurando eles próprios o seu alimento. De certa feita, apreciamos a morte de um que bebera manicuera (caldo de mandioca ralada) recolhida numa' bacia. Apesar de tentarem salvá-lo dando-lhe a ingerir água com sal e também com açúcar, a fim de fazê-lo vomitar, ele morreu sufocado em questão de poucos minutos, por causa do ácido cianídrico (ou prússico) contido no caldo da mandioca. Jogaram-lhe então água quente para retirar os pelos e em seguida ele foi moqueado.

A caça é praticada muito raramente e, para a sua consecução, fazem uso de armas de fogo e de cães. Em geral a caçada não é intencional, mas sim praticada quando por acaso um animal se aproxima da povoação ou quando eles se encontram no mato em atividades extrativistas ou agrícolas. Uma ocasião, quando estava a trabalhar na roça, um de nossos informantes matou um queixada, metade do qual nos foi vendida. A outra foi repartida pelos demais habitantes do povoado, ficando ele apenas com a cabeça. Esta foi primeiramente cozida para depois ser assada. O restante da carne, distribuída pelos parentes e vizinhos foi apenas cozida. Dizem eles que comem qualquer tipo de caça, assa-

da, cozida (apenas com água e sal), guizada (bem temperada), frita e moqueada. Para tempero usam a alfavaca, a chicória, a cebolinha verde, a pimenta-do-reino, a juquitia e o urucu.

A pesca apesar de não ser realizada dentro dos padrões mais modernos também não é feita à maneira indígena tradicional. Usam o anzol, o fio de nylon e a tarrafa. Além de peixes como o aruanã, o tucunaré e outros, pegam os seguintes quelônios: — tartarugas, tracajás, cabeçudos, irapucas, etc. Preparam o peixe cozido, frito, assado e moqueado. Para assar tiram as escamas, fazem piques para colocar sal e em seguida colocam o peixe em cima da brasa. Somente quando vão moqueá-lo é que não o descamam. O preparo dos quelônios segue o processo tradicional de guizá-los ou assá-los dentro dos cascos. Fazem também o sarapatel com o sangue coagulado e as vísceras das tartarugas. Do cabeçudo preparam a iguaria conhecida por "pascá de cabeçudo" — a carne é cortada bem miúda e em seguida frita com bastante banha e tempero. É comida com farinha.

* * *

Queremos acentuar, ainda, que o nível tecnológico dos tipos de atividades descritas é precário, tornando a produtividade muito baixa.

O sistema econômico que vigora na área em que São João está inserido, praticamente não oferece alternativas. Ou se é apenas agricultor ou extrativista ou se combinam as duas formas. Escolha de trabalho quase não há porque a oferta nesse sentido é mínima. Atividades diferentes das já expostas foram procuradas em Manaus ou Belém por uns poucos elementos que emigraram da povoação.

Quanto aos agentes do processo econômico podem ser destacados o *roceiro*, o *extrativista* e o *regatão*. Este, apesar de ali não residir, é o elemento principal com quem eles trocam seus produtos, seja através do aviamento ou não. É ele, ainda, que juntamente com o radinho de pilha se

tornou o grande responsável pelo contato dos indivíduos desse grupo com a "metrópole". Desta forma, além de agente do processo econômico, o regatão é também um agente inter-cultural (?). De uma certa maneira, o comerciante de secos e molhados (pequenas vendas) que reside em Santa Isabel (Tapuruquara) e com quem eles estão em contato direto, é também um agente do processo econômico, embora em menor escala.

RELACIONAMENTO SOCIAL

Os habitantes de São João mantêm relacionamento com os indivíduos de seu grupo familiar e da vizinhança, vizinhança essa entendida tanto do ponto de vista de outras famílias residentes em São João quanto em localidades próximas. Menos freqüentemente têm contato com os habitantes de Santa Isabel (Tapuruquara) que é o centro-maior, político-administrativo. Esses contatos, via de regra, restringem-se a familiares lá residentes ou com os padres e freiras da missão salesiana. Alguns deles já estiveram em São Gabriel da Cachoeira e em Manaus. Dois ex-moradores de São João hoje residem em Belém (Pa.).

Relações sociais dentro da povoação de São João

Das nove construções que formam o povoado, seis são residências familiares, conforme já descrevemos anteriormente. Cinco dessas moradias estão habitadas por famílias extensas, enquanto que apenas uma é constituída por famí-

(9) — O regatão é uma variante de agente inter-cultural que não parece enquadrar-se totalmente dentro da tipologia apresentada por outros autores, dentre os quais salientamos Malinowski (1949 : 14-26, *apud* Oliveira, R. C., 1967 : 51), Social Science (1954 : 981), Wolf (1956), Oliveira, R. C. (1967 : 51-2), Wagley (1968), Adams (1970) e Sá (1973) pois é um elemento que sempre está de passagem e não reside nem no grupo onde leva as manufaturas e idéias que poderão produzir mudanças e nem no local de onde provêm tais produtos. É um intermediário ambulante que tem o papel de um agente inter-cultural.

lia elementar ou nuclear. Esta última parece representar um estado transitório, pois, quando um dos filhos (sexo masculino) casar-se, ele trará sua família de procriação para a de orientação, passando então de elementar para extensa.

Segundo nossos dados, a formação da família extensa obedecia aos seguintes princípios:

a) — filho que residia, em companhia de irmão solteiro, com a mãe viúva e que, ao casar-se, traz a esposa para o seu grupo doméstico;

b) — filho que ao casar-se continua a residir com sua mãe mesmo que esta, separada de seu pai, viva maritalmente com outro homem e com ele tenha outros filhos;

c) — filho que, ao casar-se, traz a esposa para a sua família de orientação;

d) — crianças que residindo em outra povoação, ao ficarem órfãs passam a morar com a madrasta (viúva) da mãe, a quem consideram avó;

e) — casal que ao mudar-se para a povoação agrega-se à moradia de um parente da esposa até que construa a sua própria. Este tipo é bastante temporário e visa ao estabelecimento de uma residência neolocal.

A fig. 2 mostra a distribuição dos habitantes de São João pelas seis habitações já mencionadas, em termos de sua organização em famílias extensas ou elementares. Indica também o parentesco entre eles, sendo a terminologia do tipo bi-lateral. Alguns dos termos empregados pelos indivíduos mais velhos são da "língua geral". Fazem diferença entre consanguíneos e afins.

Notamos, ainda, que apenas os habitantes de duas residências não se relacionam, em termos de parentesco biológico, com os das demais moradias, o que é explicado pelo fato de serem dois grupos familiares de ascendência indígena direta, "descidos" que foram do alto rio Negro e ali agregados, inicialmente, para o trabalho extrativista. Os mora-

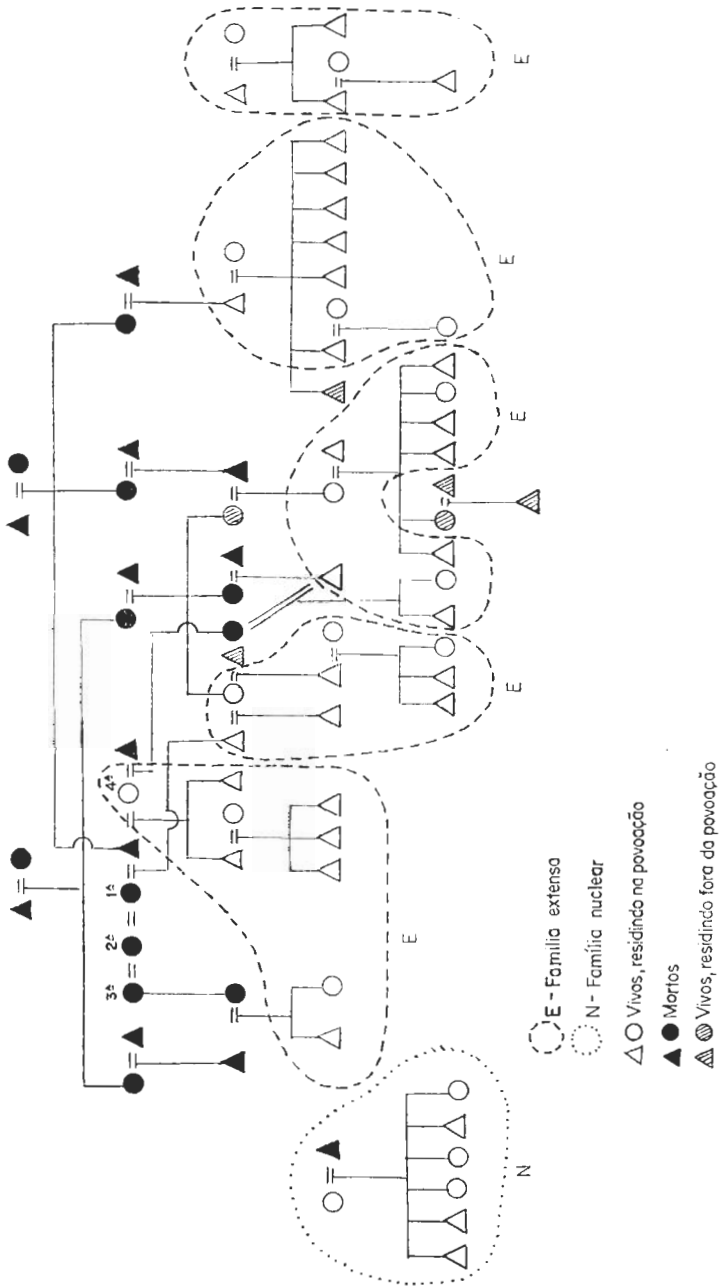


Fig. 2 — Diagrama do parentesco entre os habitantes de São João e a sua distribuição por famílias extensas e nucleares

dores das outras quatro residências, por outro lado, são parentes biológicos do indivíduo que reergueu a povoação.

Em termos de associação para a produção de subsistência e o agenciamento da venda do *surplus*, a unidade básica é a família nuclear. Mas durante a abertura de roças e o fábriço da farinha, é retomada a assistência dos parentes que compõem uma família extensa e mesmo dos que residem nas povoações vizinhas. Vê-se, pois, que apesar da maior percentagem de famílias extensas, a nuclear ou elementar é o grupo associativo básico. Essa família é tanto *matri* quanto *patrifocal*, uma vez que não só a mãe como também o pai constituem o centro da família, sendo a influência da primeira mais acentuada que a do segundo. Todavia, apesar de que em situações tais como *viuvez*, a mulher assumia prontamente e sem qualquer problema toda a chefia de sua família de procriação, ela, socialmente falando, parece estar em plano inferior ao homem. Em reuniões como o *ajuri*, por exemplo, todos os elementos do sexo masculino eram servidos antes que os do sexo feminino. Em festas onde havia almoço em que participavam os demais membros da povoação e das vizinhanças, os homens comiam à mesa, em 1.º lugar, enquanto que as mulheres eram servidas após e quase nunca à mesa. Mas em problemas como a educação dos filhos e compra e venda de produtos, a mulher tinha um papel tão ativo quanto o do homem, senão maior. Havia mesmo um casal em que a expressão, "a mulher era o homem da casa" poderia muito bem ser aplicada. Em caso de separação do casal, os filhos ficam a residir com a mãe, sofrendo, pois, sua influência basicamente. Mas apesar dessa forte influência feminina, os filhos recebem o nome pela linha paterna, o que é um padrão da sociedade brasileira.

A divisão de trabalho por sexo, dentro de um grupo familiar, é quase imperceptível, uma vez que tanto o homem quanto a mulher basicamente realizam os mesmos tipos de tarefas, ajudando-se mutuamente no plantio, na colheita, na fabricação de cestos, no preparo de alimentos e na educa-

ção e cuidado com os filhos. Com relação à cozinha só vimos o homem a assar ou moquear, enquanto que a mulher além dessas modalidades também preparava os alimentos cozidos. Preferencialmente, a caça e a pesca são atividades masculinas. Com relação à divisão de trabalho por idade, a situação é mais ou menos a descrita por Fukui (1973: 70-2) relativamente a duas regiões: — uma do nordeste, Bahia, e a outra no sertão de Itapeçerica da Serra, em São Paulo: — as crianças, a partir de 3-4 anos, colaboram com os pais em pequenas tarefas como a de cuidar dos irmãos menores, trazer o carvão para o fogo e água para quem trabalha na roça, etc.. Aos poucos elas vão aprendendo o essencial das técnicas tradicionais que as tornarão capazes de viver como adultos independentes. A divisão de trabalho por idade é pois uma forma acumulativa de aprendizado para os meninos e meninas, com relação às tarefas que lhes caberão como adultos. Mesmo na infância não há uma distinção acentuada de tarefas entre os sexos, apesar de que os garotos gozem de um pouco mais de liberdade que as garotas.

Ainda dentro do relacionamento social entre os indivíduos residentes em São João, um outro elemento que parece ter um forte vínculo de solidariedade é o compadrio, embora o mesmo não ocorra apenas dentro do âmbito da povoação abordada. Indivíduos, parentes ou não, de outras localidades e, mesmo os regatões, são chamados para apadrinhar tanto em cerimônias de batismo quanto nas de fogueira. O compadrio de fogueira não tem um aspecto de brincadeira. Ele envolve obrigações tão recíprocas quanto as do batismo. Mas, segundo alguns informantes, essas obrigações só vêm a se concretizar quando os afilhados vão residir com os padrinhos ou quando um ou outro necessita de ajuda, seja para a realização de uma atividade ligada à subsistência econômica ou durante as festas de caráter profano e religioso. Quando um afilhado fica órfão e ainda é criança, não há a obrigatoriedade de residir com os padrinhos. Em geral os parentes é que dele cuidam. Aliás, o compadrio não é equi-

parado ao parentesco embora apresente uma estrutura de solidariedade. Os direitos e deveres que existem na relação padrinho/afilhado também são encontrados nas de compadre/compadre.

O mutirão, chamado localmente de *ajuri* e já descrito ao falarmos das atividades econômicas é uma outra forma de congregar indivíduos que vivem dentro ou fora de São João. As rezas e ladainhas são também atividades associativas.

As relações sociais internas, em São João, não eram apenas no sentido de associação, solidariedade e cooperação. Entre duas famílias cujos cabeças eram irmãos, a situação de conflito era aberta.

Relacionamento social com as povoações vizinhas

Essa forma de relacionamento dá-se principalmente do ponto de vista de *casamentos* e de festas, sejam estas o pagamento de uma promessa, sendo então precedidas de rezas e ladainhas, ou a realização de festividades em homenagem ao santo padroeiro. As principais, desse gênero, são a de São Francisco realizada na povoação de São Francisco, a de São Joaquim levada a cabo na localidade de Campina e a de São João efetuada na povoação que estamos estudando.

As mulheres, para esposas, têm sido procuradas nos grupos vizinhos (incluindo povoações, sítios e sede de municípios), uma vez que o desequilíbrio entre sexos (mais homens do que mulheres) é grande em São João. A residência quanto ao casamento é essencialmente patrilocal (cf. fig. 2) embora as regras sejam flexíveis suficientemente para permitirem outros arranjos diante de situações específicas. As formas de casamento encontradas foram: a) sancionado apenas pelo grupo; são os que se "juntam" como se diz popularmente — b) casamento no religioso — c) casamento no civil e no religioso. Nessa última categoria encontra-

mos apenas um casal e uma mulher que no momento da pesquisa era "largada" do marido e vivia maritalmente com um parente dele, dentro do tipo *a*. Quase todos eram casados apenas no religioso.

O levantamento das genealogias indicou-nos que mesmo casadas no religioso ou "juntadas", as mulheres conservam o nome de solteira, dado pela linha paterna. As duas mulheres casadas no civil também nos deram os seus nomes de solteira, ou seja, o de seus pais. A aceitação grupal das pessoas casadas no civil era exatamente a mesma daquelas "juntadas" ou casadas no religioso. Daí talvez o fato de que mesmo aceitando uma regra civil, como a do casamento oficializado, eles continuam a reger-se pelas formas tradicionais, ou seja, a mulher continua por toda a sua vida a ser conhecida pelo nome paterno.

As normas que regiam essas uniões pareceram-nos ser do tipo proscritivo, ou seja, regras que indicavam com quem não se devia casar, proibindo as uniões incestuosas: pai/filha, mãe/filho, avô/neta, avó/neto, irmão/irmã.

Com relação ao casamento, ainda, notamos que tanto os homens quanto as mulheres chegam a ter até 4 esposas ou maridos durante sua vida. Em geral quem abandona o outro companheiro é o homem, que se desloca para outros lugares a fim de "tentar a sorte econômica". Isto faz com que a família, algumas vezes, seja predominantemente matrifocal, sendo o "marido" quase que uma figura transitória, em alguns dos casos. Isto porque há casais, já idosos, que se "casaram" apenas uma vez. Em geral, pois, no caso de separação, são as mulheres que ficam e os homens que saem. Este fato não chega a causar problemas demográficos porque, como já vimos anteriormente, o n.º de homens, em São João, é bem superior ao das mulheres.

A maior parte das crianças, nascidas de casamentos oficializados ou não, é registrada, ou seja, possui uma certidão de nascimento.

Na escolha do parceiro, em se tratando de casamento civil ou apenas religioso, é comum a família negar o seu consentimento. Estereótipos contra índios, interesses e rivalidades são por vezes as causas das negativas. O pedido da "mão da noiva" é sempre feito pelo pai do rapaz ou seu irmão mais velho ou, na falta de ambos, do parente masculino mais próximo.

Relacionamento social com Tapuruquara (Sta. Isabel do rio Negro)

Tapuruquara que fica situada bem em frente à Ilha Grande (Município) é, pois, um centro político-administrativo que atrai os indivíduos que desejam casar-se, registrar filhos, visitar parentes, procurar os padres da Missão lá existente e entregar os produtos da extração para pequenos comerciantes que trabalham para regatões. Em ocasiões tais como eleições e "dia de finados", toda a população de São João coloca suas melhores roupas e dirige-se para Santa Isabel do rio Negro. Tivemos oportunidade de viajar com o grupo nessas duas épocas e notamos que no dia dos mortos (ou de finados), o pessoal agia como se estivesse indo para um encontro festivo. Quanto às eleições, as despesas da viagem como gasolina e outras ficaram por conta de um dos candidatos a vereador, na casa do qual a maior parte deles almoçou (havia matado um bezerro).

N'outras ocasiões, durante uma campanha eleitoral ou uma "noite dançante" em que os homens pagam uma pequena taxa (na época era \$1,00) para terem direito a tirar as damas para dançar, é o pessoal residente no centro administrativo que se desloca para São João e sítios vizinhos. Também os parentes que residem em Tapuruquara costumam ir passar temporadas na localidade que estamos abordando. A hospitalidade costuma ser um dever não só dos amigos mas também dos parentes.

Estratificação Social

Tomando-se o ponto de vista de Rodolfo Stavenhagen de que um dos critérios da estratificação é "a posição dos diferentes grupos raciais ou étnicos" (1966:121) ⁽¹⁰⁾ podemos dizer que embora aparentemente São João não seja uma sociedade estratificada na base de bens econômicos, ela é socialmente hierarquizada em função da origem étnica do indivíduo. A hierarquia por nós constatada obedecia à seguinte ordem:

- 1.º "caboclo puro do sangue limpo" ⁽¹¹⁾
- 2.º negro ou descendentes de
- 3.º índio, principalmente os provenientes dos rios Uaupés (Caiari) e Içana.

Observamos que o preconceito com o índio é bem acentuado nessa área. Olhavam-nos espantados e receosos quando, ao levantarmos as genealogias, indagávamos se descendiam de índios. De uma feita, ao perguntarmos a uma informante se a sua nora era Baniwa, ela nos respondeu, aparentemente nervosa, que não podia nos dizer nada "porque não entendia dessa classe de gente". Os filhos de um índio Tukano descido do rio Uaupés para a atividade extrativista, eram tidos por todos como "ladrões", "mentirosos", "preguiçosos" e "bêbados". As filhas de uma mulher Tukano eram "carinhosamente" chamadas de criadas da mulher que se dizia "cabocla pura do sangue limpo". Apesar dessa estratificação, a instabilidade econômica e a mobilidade da população nessa área, não deram margem ao surgimento de uma "aristocracia rural".

(10) — Diz o autor: — "... e os critérios que, ainda que sendo objetivos, estão baseados, sem dúvida, em avaliações subjetivas, tais como o prestígio de certas ocupações, ou a posição dos diferentes grupos raciais ou étnicos (critério importante nas sociedades com problemas de minorias)". (Stavenhagen, 1966: 121).

(11) — De acordo com os informantes, "os caboclos puro do sangue limpo, são gente da própria região, sem mistura com a de outra, sem mistura com índio."

Galvão quando de sua viagem pela região do rio Negro, em 1954, também notou uma hierarquia que embora difira da observada em São João, colocava o índio na mesma posição de inferioridade constatada em 1972, durante nossa viagem. Faziam diferenças entre brancos, caboclos e selvagens, sendo que um dos índices de "branquização" era falar a língua geral. Segundo ele, a hierarquia existente compreendia:

branco — no sentido social e racial, aqui coincidentes.

caboclo — mestiço, seringueiro ou roceiro.

selvagens — índios que não estavam assimilados, que não tinham relações comerciais. Ex. Macu.

Entre os brancos havia três variedades: — o branco verdadeiro (**Cariareteua**), o falso branco (mestiço claro — **Cariuarana**) e o trabalhador, empregado (**Cariuíá**). Seguem-se os caboclos e na última escala os Macu, considerado o termo mais ofensivo" (Galvão, Ms, 1954).

Como se vê, a hierarquia obtida por Galvão no centro administrativo que é Santa Isabel do rio Negro, difere em parte da observada numa povoação das redondezas em que havia indivíduos descendentes de escravos africanos, elemento esse não existente na escala de estratificação coletada por aquele pesquisador em 1954. Mas o índio, tanto numa quanto n'outra, era o estrato inferior.

ENSINO E COMUNICAÇÃO

Ensino

No contexto deste trabalho vamos usar o termo *ensino* na acepção mais restrita da palavra educação, tal como foi formulada por Herskovits (1952:310-1) ⁽¹²⁾. Sendo assim, a educação levada a cabo por especialistas durante um período

(12) — De acordo com Herskovits: "A much more restricted sense of the word "education" limits its use to those processes of teaching and learning carried out at specific times, in particular places outside the home, for definite periods, by persons especially prepared or trained for the task. This assigns to education the meaning of **schooling**." (1952 : 310).

do determinado e em locais apropriados, na atualidade não ocorre em São João por falta essencialmente de verba para manter uma escola. Mas o local onde a antiga funcionava ainda existe. Serviu-nos inclusive de residência temporária, durante a pesquisa de campo. É composto por duas salas separadas por um tabique. O teto, de duas águas, é coberto por zinco; o chão é de cimento e as paredes são de táboas.

Atualmente os que desejam ou podem estudar, freqüentam a escola salesiana da Missão de Tapuruquara. Nessas condições haviam 7 pessoas, sendo 6 homens e 1 mulher, entre 7 e 17 anos. Acima dessa idade não havia ninguém a estudar. Alguns desses escolares iniciaram o curso de alfabetização na escolinha, hoje abandonada, de São João, tendo por professor um indivíduo lá residente e que cursou até o 5.º ano primário na Missão de Tapuruquara. Além dele, três outras professoras lá lecionaram. Pelas informações que obtivemos, essa escolinha era mantida tanto pelo Governo do Estado quanto pela Prefeitura de Tapuruquara e pela Missão salesiana (13). O fechamento foi devido não só à falta de verba mas também à falta de alunos. Para funcionar ela teria que ter 20 alunos no mínimo e, de acordo com os informantes, não havia esse número na povoação e nem estava a localidade em condições de receber e manter (casa e comida) alunos provindos de outros sítios e povoações.

Em 1972 existiam em São João 39 pessoas compreendidas em faixas etárias acima de 7 anos. Dessas, conforme já dissemos, 7 ainda freqüentavam a escola, enquanto que 22 iniciaram o estudo e interromperam-no. Essas últimas

(13) — Em geral o que ocorre nesses locais é o seguinte: professoras primárias formadas em Manaus e também em Tapuruquara, são contratadas pelo Estado (Secretaria de Educação) para dar aulas nessas povoações rurais. Mas em geral a Prefeitura colabora na construção da escola, o mesmo ocorrendo com a Missão. Inicialmente parece que os professores eram pagos pela Missão. Por razões de ordem diversa não pudemos "checar" essas informações em Tapuruquara. Ficamos apenas com os dados coletados em São João.

possuíam idade superior a 12 anos (12-60 anos e +). Dentre elas, 1 (homem) parou na 1.^a série do curso primário, 8 (5 homens e 3 mulheres) desistiram no 2.^o ano primário, 7 (3 homens e 4 mulheres) na 3.^a série, 2 (homens) na 4.^a série primária e 3 (homens) no 5.^o ano. Apenas uma das 22, chegou até o curso ginásial, interrompendo-o na 3.^a série. Esse indivíduo fez o curso primário completo na Missão de Tapuruquara. Depois foi enviado a Manaus, pelos próprios salesianos. Aí cursou as três séries no colégio Domingos Sávio. Como ele, inicialmente, pretendia seguir a carreira religiosa e depois mudou de idéia, teve que sair desse colégio. Não tendo recursos próprios para continuar em Manaus, retornou a São João. Atualmente é professor primário em Jurubaxi (local próximo a São João), recebendo pela Secretaria de Educação (AM). Segundo o informante até o ano de 1971 essa escola era regida pela Prelazia do Rio Negro (Salesianos). Depois disso a Missão continuou a manter o prédio, enquanto que a Secretaria de Educação paga o salário do professor através da Prefeitura. Nossos dados indicam, também, que nenhuma mulher foi além do 3.^o ano primário.

Os 22 indivíduos mencionados como havendo abandonado a escola, estudaram em locais diversos, ou seja: — escola mantida pelos protestantes em Jucabi (abaixo de Uaupés) — escola mantida pelos salesianos na Missão de Uaupés (São Gabriel da Cachoeira) — escola mantida pelos protestantes em Paricatuba (próximo a São João e a Tapuruquara) — escola pública de Manaus — colégio Domingos Sávio, em Manaus (já referido acima) e escola mantida pelos salesianos na Missão de Tapuruquara. Um deles começou a ser alfabetizado pelo próprio pai e mais tarde foi para a escola da Missão de Tapuruquara, onde fez um teste para entrar.

A evasão escolar, que se deu principalmente no 2.^o e 3.^o ano do curso primário, teve como prováveis causas, os seguintes fatos:

— os pais não deixaram os filhos continuarem os estudos depois do 3.º ano primário porque necessitavam da ajuda dos mesmos seja em serviços domésticos ou em atividades extrativistas;

— morre o pai do estudante e este precisa trabalhar para sobreviver;

— o rapaz que já começa a pensar em casar, prefere ir derrubar sorva e ucuquirana a estudar;

— “não gostam de estudar”;

— o estudante “vivia doente”;

— falta de roupas adequadas, causadas por doença do pai que ficou impossibilitado de trabalhar e, conseqüentemente, sem poder comprar vestimentas para o filho. O estudante deixou os estudos e foi cortar piaçaba para ajudar economicamente a família;

— com o falecimento do pai, a moça que estava interna deixou de estudar para fazer companhia à mãe;

— criança que estudava em grupo escolar em Manaus e que teve de retornar a São João, por ocasião da morte do pai, não mais quis estudar;

— com a cobrança de uma taxa de \$5,00 quando da matrícula na Missão em Tapuruquara, alguns deixam de estudar alegando não terem condições de pagar essa tarifa;

— reprovação em matemática durante 3 anos consecutivos.

Ainda dentre as 39 pessoas, havia 9 na categoria de analfabetos, ou seja, indivíduos que nunca estudaram, sendo 3 homens e 6 mulheres. Dessas 9, 4 situavam-se na faixa de 7 a 12 anos. Eram 2 garotos e 2 meninas. Uma delas era órfã e passava os dias a ajudar a viúva do indivíduo que reergueu a povoação e que era a pessoa mais idosa do local. As outras 3 não freqüentavam a escola, segundo os pais, por não poderem pagar a taxa exigida pela Missão, de \$5,00 (em 1972).

Uma senhora, com mais de 50 anos e com grande capacidade de liderança no grupo, jamais freqüentou a escola. Não sabia escrever mas podia ler, aprendizagem essa obtida com o cunhado.

Vemos, pois, que dos 39 indivíduos com mais de 7 anos, 9 eram analfabetos, 1 semi-analfabeto, 21 interromperam o estudo no curso primário, quando já sabiam ler, escrever e fazer contas, 1 chegou até a 3.^a série do ginásio e 7, com menos de 18 anos, ainda freqüentavam a escola, sendo que 1 deles já estava a cursar o ginásio e pretendia seguir avante. Os analfabetos, excluindo-se a viúva do sujeito que reergueu a povoação, já com idade avançada, ou eram crianças que ainda poderiam vir a estudar ou eram as pessoas que desceram do alto rio Negro para trabalhar em atividades extrativistas, conforme já foi relatado.

Pelos dados enunciados, vê-se, ainda, que as mulheres, nessa povoação, além de serem numericamente inferiores, também o eram em nível de escolaridade. Todavia esse último dado parecia não ter a mínima importância no dia a dia em São João, uma vez que a instrução adquirida nessas escolas não iria ensiná-los a lidar com a roça, com as saúvas ou com as atividades extrativistas. Como diz Queiroz (1967:203), referindo-se aos bairros rurais paulistas:

Com efeito, em todos os bairros estudados, a instrução que vai servir de instrumento para os indivíduos viverem, é aquela ministrada informalmente pelo exemplo de seus pais e pelo aprendizado direto sob a orientação destes. Na roça, aprende-se vendo e fazendo. O aprendizado e a cultura livrescos não encontram serventia.

Essas palavras, apesar de escritas para referirem-se a um local fora da área que estamos estudando, expressam bem a situação que observamos em São João, uma vez que, para sobreviver, tanto faz que o indivíduo haja cursado o 1.^o ano primário ou o 4.^o do ginásio, ou nenhum. O importante é saber ler alguma coisa e não se deixar enganar nas contas pelo regatão. O ensino de uma certa forma profissionalizante, dado nas Missões, tais como a marcenaria e a car-

pintaria, não têm levado a quase nada, pois, o indivíduo ao sair da escola não possui local para exercer a profissão adquirida, a não ser para prover a uma ou outra de suas próprias necessidades domésticas.

Além da falta de praticidade do ensino nessa região, tal qual ocorre em outras do Brasil, existem falhas como: — falta de instalações adequadas e de material didático. Em São João, uma só sala era utilizada para os três anos do curso primário, com uma só professora ministrando simultaneamente as aulas. Esses professores algumas vezes são “leigos”, ou seja, não têm o curso especializado. Essa falha parece estar sendo abolida por causa do curso Normal em Tapuruquara e porque a Secretaria de Educação tem enviado para o interior do Amazonas professoras formadas em Manaus. Permanece porém a inoperatividade do ensino ministrado e a falta de instalações adequadas.

O indivíduo mais velho do grupo, apesar de suas condições difíceis de vida, aspirava que todos os seus filhos conseguissem estudar. Um deles, em 1972, cursava o 1.º ano científico em Ananindeua, Município de Belém (Pa.), num colégio salesiano. Parece que a expectativa dos padres era a de que o rapaz, na época com 21 anos, se tornasse padre também. Ele, porém, pretendia ir para a escola técnica. Esse rapaz possuía dois tios, um irmão e uma irmã de seu pai, residindo em Belém. Soubemos mais tarde que ele abandonara o colégio e procurava um emprego em Belém. Não pretendia voltar a São João.

Concluimos, pois, que apesar do número de analfabetos (9 em 39) não atingir a casa dos 25% em São João, o saber ler e escrever não significava muito para esses indivíduos que pareciam ter a lida da terra e das atividades extrativistas como único objetivo para a sobrevivência.

Comunicação

Por comunicação entenderemos aqui as vias de transmissão de traços culturais. Nesse sentido podemos afirmar

que basicamente são três as fontes de comunicação em São João e cercanias: — o rádio de pilha, o regatão com seu barco cheio de quinquilharias e a Missão de Tapuruquara que além de representar a fase tradicional da área, é também um veículo de mudança seja nos cursos ministrados, seja nos presentes doados. Lembramo-nos de ter visto uma criança com uma camiseta onde se lia: "Tá legal, mora", obtida através da Missão. Por intermédio do radinho de pilha eles tomam conhecimento das notícias nacionais e internacionais, além de saberem da cotação dos preços dos produtos naturais que eles extraem na região. Ficam também ciente dos jogos de futebol em curso. De uma certa feita, a uma pergunta nossa sobre: "que dia é hoje?", o informante respondeu que não sabia mas que era dia do jogo (futebol) entre o *Santos* e o *Nacional*. Ao regressarmos, um dos habitantes de São João pediu-nos que colocássemos um aviso na rádio "Difusora" de Manaus. Esse tipo de comunicação, em que se dá notícia de pessoas que vão chegar, de pessoas que estão doentes, de encomendas que se deseja receber e outras mais, é bastante utilizado na área. O regatão, além das mercadorias tradicionais que carrega, tais como rede de dormir, munição, sal e outras, leva também camisetas em moda nos grandes centros do país, novidades em plástico, esmalte para unhas de cores variadas, enfeites para o cabelo e etc., conforme já dissemos anteriormente. Além disso, nas festas dançantes, quase sempre em louvor a um santo, os regatões vindos de locais diferentes, trazem consigo a música moderna, seja através de discos e eletrolas de pilhas ou, então, das danças que estão em voga. Vimos mais de um deles a ensinar o iê-iê-iê para os jovens da povoação.

Além desses elementos básicos da transmissão cultural há também aqueles indivíduos que se deslocam esporadicamente para Manaus e que, ao regressarem, trazem notícias e modas atuais; há o manuseio, embora bastante raro, de revistas, que lhes dá uma visão de outro mundo e há o serviço de reembolso postal. Foi assim que vimos uma toa-

Iha de mesa, típica de Natal, de boa qualidade, e colheres de fabricação superior às vendidas pelo regatão, serem utilizadas durante uma festa. Haviam sido pedidas pelo reembolso postal, à casa Hermes, no Rio de Janeiro. O catálogo onde puderam escolher os produtos foi-lhes fornecido por um comerciante em Tapuruquara. E também foi em Tapuruquara que chegaram as mercadorias pedidas, uma vez que em São João não há agência postal.

Vemos, assim, que apesar de um relativo isolamento geográfico, os habitantes de São João, através de formas variadas de comunicação, acham-se integrados à região e à nação, participando também de muitos acontecimentos internacionais.

MANIFESTAÇÕES RELIGIOSAS

A população de São João se diz católica, catolicismo esse que se enquadra dentro da categoria de catolicismo doméstico (Bastide, 1951:555) ou rústico (Queiroz, 1968:103), sendo que o centro da vida religiosa dos habitantes dessa povoação é o culto dos santos, associado com crenças em sobrenaturais que habitam a terra, a água e o ar e aos quais não é prestado culto algum. Há, pois, uma conexão entre elementos religiosos de origem ibérica e de origem indígena, fato esse já observado e analisado por Galvão (1955) e Wagley (1957) em Itá, uma comunidade amazônica.

Há em São João uma capela, coberta de palha, barreada externamente e caiada internamente, com duas imagens — uma infantil e outra adulta — de São João, o santo padroeiro, numa espécie de altar. Mas nenhum sacerdote lá reside. E durante o mês que lá estivemos, não vimos nenhum dos habitantes deslocar-se para Santa Isabel a fim de assistir a u'a missa. Foram, porém, em massa, no dia dos mortos ⁽¹⁴⁾.

(14) — Nesse dia, os que ficaram na povoação, por volta de 18 h, acenderam velas na capela e em cruzeiras levantadas para nati-mortos e bebês. Como dizem eles, os "anjos" são enterrados na povoação; os outros em Tapuruquara.

É freqüente fazerem promessas para que tudo corra bem com a roça, com a povoação, com os filhos que estão a estudar na missão salesiana e com os doentes. Saindo tudo a contento são rezadas ladaínhas aos santos de devoção. Pudemos assistir às que foram ofertadas a São Joaquim e a Nossa Senhora Auxiliadora. Após serem cantadas, em geral é oferecido um café ou um *Nescau* pelo promesseiro, sendo seguido de danças. Outras vezes, a festa pela concretização do pedido é grande, iniciando-se à noite, após a ladaínha, com danças que entram pela noite afóra e prosseguindo durante todo o dia seguinte, sendo a festa coroada por um almoço ao qual comparecem as autoridades de Santa Isabel do rio Negro. Ao final, quase todos os homens ficam embriagados. Pareceu-nos que o estar "alto" era um sinal de prestígio.

Atualmente só dois homens, em São João, sabem puxar a ladaínha: — um deles é o sujeito mais idoso da povoação. O outro ainda é relativamente jovem e diz ter aprendido essa tarefa com seu pai, que foi o reerguedor da localidade. Metade da reza ele faz de cor, metade ele lê, num caderno especial para esse fim.

Mais importante do que as festas de promessas são as "festas do padroeiro", em que toda a povoação e os sítios vizinhos colaboram para o seu bom êxito e assim torna-se a mesma um forte elo de coesão social. Tais festas são encaradas não só como atividades religiosas, mas também como uma possibilidade de recreação que quebra a monotonia de um viver igual todos os dias.

Resumidamente, a festa do padroeiro assim se processa: — uns quinze dias antes da data de São João (24 de junho) sai uma canoa destinada a arrecadar donativos e que passa de sítio em sítio. Essa canoa possui a seguinte tripulação:

- 1 encarregado
- 2 gambeiros (batem o tambor e marcar a hora da reza)

- 2 bandeireiros
- 1 rezador
- 1 secretário
- 4 remeiros (em média)

Se alguém da tripulação comete uma falta é posto na "vaqueta", de joelhos, e deverá rezar quantas orações o encarregado mandar.

Os organizadores da festa propriamente dita, que se inicia no dia 22 de junho são: — 1 juiz e 1 juíza da festa — 1 juiz e 1 juíza do mastro e 20 pares de mordomos. São escolhidos pelos habitantes. Um deles é eleito o mestre-sala, para disciplinar a festa.

Os festejos começam com a levantação do mastro no dia 22, havendo rezas e danças. No dia seguinte são pedidas, pelos dois gambeiros, esmolas para o santo. Eles entoam a seguinte cantiga, durante o tempo que demora a coleta:

"Aqui vem o padroeiro glorioso São João
Vem pedindo sua esmola não por carecer.
É somente p'ra conhecer que é devoto.
Pegai-vos com ele agora nesta hora".

Ainda no dia 23 há a "volta ao castelo", sendo que o castelo é feito de "braço do buriti". Este é solto no rio e, a canoa com a imagem do santo (adulto) vai atrás. Quando a canoa regressa, o juiz da festa carrega a imagem numa procissão: — na frente os 2 bandeireiros (com a bandeira do santo) — depois os 2 gambeiros — depois o juiz da festa, carregando a imagem e atrás os devotos. É uma procissão ao redor da fogueira, já ao anoitecer. Depois disso padrinhos e afilhados, primos, etc., passam a fogueira. É o compadrio de fogueira, já mencionado anteriormente. Depois vêm os mascarados (6 a 12 pares) que vão dançar ao redor da fogueira. Têm uma careta de papelão e alguns sabem soltar fogo pela boca. No resto da noite dançam. Antigamente havia sanfona e violão. Agora é eletrola.

No dia 24 há um almoço dado pelo juiz da festa e a derubação do mastro. À noite é servido café e a festa é dada por finda.

Há pouco tempo atrás, havia uma outra festa religiosa de grandes proporções em São João, e que é a "festa do Divino". Na povoação existe ainda a coroa do Divino e a pomba. Mas, segundo os moradores, depois que morreu o sujeito que reergueu a povoação, ela nunca mais foi realizada (fim de maio e princípio de junho). Hoje em dia só rezam a ladaíinha.

Em São Francisco e em Campina, localidades vizinhas de São João, também são realizadas festas para os padroeiros, São Francisco e São Joaquim respectivamente e às quais comparecem os habitantes de toda a área, conforme já abordamos em linhas atrás.

Com relação às crenças em seres dotados de poderes sobrenaturais, registramos não só aquelas de origem indígena, que constituem a maioria, mas também as alienígenas, como por exemplo a sereia. Esses seres são "encantados" ou "visagens" que vivem no mato, na água ou no ar.

Entre os da mata temos: — a *Miracanga*, que possui cabeça de gente e pés de papagaio, sem corpo e sem braços — o *Curupira*, que possui os pés às avessas, isto é, o calcanhar para a frente e os dedos para trás e *Oribacana* que pode ter a forma de macaco.

Entre os da água salientam-se a *Cobra-Grande*, a *Sereia*, o *Boto* e o *Oribacana* quando tem a forma de lontra.

Entre os do ar há o *Jaraba*, que é tipo besouro e vem junto com as chuvas — o *Lobisomem*, que tem a forma de boi e o *Matinta perera* que pode assumir o aspecto de um morcego ou de um passarinho que coloca remédio na vista para enxergar de noite. Às vezes pode sair como boto.

Para evitar essas entidades ou acabar com malefícios por elas produzidos, há fórmulas diversas conforme o caso: — benze-se fumo, breu ou qualquer coisa de comer, com

"a força da oração", o que faz o corpo do indivíduo ficar fechado. Outras vezes deve-se entrar dentro d'água e colocar uma bacia com água em cima da cabeça.

Com relação a curas para males diversos, curas essas associadas a uma manifestação religiosa, soubemos que os melhores curandeiros da área acham-se em Monte Alegre e em Paricatuba. Em São João há dois benzedores que só podem realizar suas atividades às 6h, 12h e 18h. E o ato de benzer deve ser efetuado três dias seguidos. O benzedor coloca as mãos sobre a cabeça do paciente durante uns três minutos, tempo esse gasto em rezas. Depois faz o sinal da cruz tanto nele quanto na pessoa que está sendo benzida. Às vezes a pessoa que benze sonha, invocando a causa do mal. Para saber benzer é preciso "estudar" para tal.

Além dos curandeiros e benzedores tivemos conhecimento da existência de uma mulher, famosa por suas curas, ditas espirituais. Ela afirma que se concentra e alguém lhe diz o que deve receitar para o doente. Seus remédios são sempre de plantas ⁽¹⁵⁾.

Há, ainda, em São João, a crença numa falta de sorte, causada por algo "mal feito" e que incapacita o indivíduo para atividades variadas, chamada *saruã* ⁽¹⁶⁾. O indivíduo que pratica esse "mal feito" poderá ficar panema ⁽¹⁷⁾. Em geral "o *saruã* ofende os bichos do mato". São fontes de malefício: assar carne e deixar queimar, comer qualquer coisa cozida sem esquentar, deixar de tomar banho quando regressa da roça e ir comer, primeira menstruação, etc.. Essa última parece ser a mais perigosa. É necessário "defumação e oração de antigo", segundo os informantes. Algumas vezes os encantados e visagens aparecem por causa do *saruã*.

(15) — Obtivemos a seguinte receita para sinusite : pegar doze sementes de pinhão branco, partir ao meio, tirar a "linguinha" que lá existe, torrâ-las tal qual café e depois socar cada uma separadamente e guardar num papel. Depois, durante 24 dias, tomar pela ... no café, um dos pacotinhos com a semente socada.

(16) — Nosso ponto de vista é confirmado por Stradelli (1929 : 643).

(17) — Cf. Galvão (1951) e Matta (1973).

Apesar de procurarem a assistência médica da Missão e de se valerem de promessas aos santos de devoção, os habitantes de São João dão grande ênfase ao *saruã* que deve ser afastado por meio de práticas católicas, ou seja, defumação e oração. Acreditamos, pois, que além da já mencionada *associação* de traços religiosos de origem ibérica com os de origem indígena, houve também na região em apreço, um leve sincretismo desses traços.

DISCUSSÃO

1) — Conforme já explanamos, o habitante de São João dedica-se a atividades agrícolas tradicionais, à extração de produtos naturais ou, ainda, combina as duas formas. As características sócio-econômicas tanto das atividades do roceiro quanto das do extrativista (residente na povoação e só esporadicamente deslocando-se à procura do produto natural) são semelhantes, diferindo apenas em: — a) o primeiro geralmente é proprietário da terra que trabalha para viver, ao passo que o segundo via de regra trabalha para um “patrão”, embora a tendência atual seja coletar os produtos por conta própria. A maior incidência parece ser a combinação das duas atividades por um grupo doméstico. Dependendo da estação do ano, o habitante de São João poderá trabalhar em uma ou outra atividade. Ocorre muitas vezes que enquanto o extrativista sai para suas atividades num seringal, por exemplo, sua mulher e filhos vão cuidar da roça. Ou, então, mesmo não tendo roça ele pode colaborar, durante um “ajuri”, para a derrubada da mata de um seu parente ou compadre; b) enquanto que o roceiro vende apenas o excedente da produção (a parte que não foi utilizada para consumo) para a compra ou troca de produtos manufaturados, o extrativista vende toda a sua produção para a compra ou troca de bens necessários à sua subsistência. Por exemplo, se um extrativista não possui roça, não fabricando, pois, a farinha que é um alimento básico para a sua sobrevivência, com o produto de seu trabalho ele poderá adquiri-la. Ambos, por-

tanto, trabalham para conseguir o sustento da família, embora os roceiros pareçam ter maior autonomia. Excluindo tais diferenças, vimos que a família é a unidade básica do trabalho, que as tarefas se dividem entre todos os componentes do grupo doméstico e que o grupo econômico constituído pela família tende a uma centralização, evitando criar unidades sócio-econômicas distintas.

Tais características, apesar da dualidade: roceiro-extrativista, que nos parece uma categoria só, inclusiva e inserida dentro do conceito de caboclo que vigora na região Amazônica, levam-nos a julgar que os habitantes de São João estejam enquadrados nas características do campesinato, tais quais foram analisadas por Queiroz (1973), podendo pois, serem também chamados de sitiantes tradicionais ⁽¹⁸⁾.

2) — Pareceu-nos que as transformações culturais sofridas nos modos de vida dos moradores de São João têm sido lentas, o que provavelmente é explicado pela distância do centro-urbano maior — Manaus. De qualquer forma, nesses últimos anos, com a perda de isolamento crescente face à ampliação dos meios de comunicação, a situação alterou-se. Além disso, o comércio da área que era feito pelas grandes casas comerciais de Manaus passou a ser realizado pelos regatões menores. Com isso o sistema de crédito por aviamento parece, em parte, estar perdendo a sua força, pois os homens e mulheres de São João estão preferindo trabalhar por conta própria, principalmente na fabricação de farinha. Como já afirmamos, eles dizem que as "empresas" têm rendido pouco. Não possuímos dados para, no momento, dizer quais as causas de uma provável decadência do "sistema de aviamento", tal qual está indicado nas entrelinhas do presente trabalho. Mas achamos que pesquisas precisam ser feitas nesse sentido.

(18) — Também Fukui (1973 : 67) afirma que "o sitiante tradicional é assim o equivalente do camponês como o definiu H. Mendras." A respeito de sociedades camponesas cf. Wolf (1970) e sobre o camponês como um tipo das subculturas latino-americanas veja-se Wagley (1968 : 87-90).

3) — Apesar da distância relativa em que vivem, os sítios de São João, por formas diversas de comunicação, acham-se ligados a uma organização de vizinhança, estão integrados à região e participam da vida nacional. Indiretamente eles dependem de acontecimentos internacionais que poderão influenciar os preços das mercadorias por eles vendidas ou compradas e, através dos rádios e notícias chegadas pelos regatões e missionários, eles sabem parte do que ocorre pelo mundo.

SUMMARY

This paper includes data about São João, a settlement located near Santa Isabel do Rio Negro (Amazon), on the right bank of the "parana" (small river) São João, on the middle Rio Negro. It has a population of 50.

Besides a summary of the history of this region, we also give information about the morphology of the village, its economic activities (extractive, agricultural, hunting and fishing), social relations, schooling, communication and some aspects of religious life.

There are three main points in the discussion: 1) the socio-economic characteristics of the people of São João are similar to other peasant groups — 2) they are going through a slow process of cultural change — 3) there are three levels of interaction: the neighbourhood, the region and the nation. International events also have a certain influence on their life.

BIBLIOGRAFIA CITADA

ADAMS, Richard N.

1970 — Brokers and career mobility systems in the structure of complex societies. *Southw. J. Anthropol.*, Albuquerque, 26(4) : 315-27.

ARANHA, Bento de Figueiredo Tenreiro

1907 — As explorações e os exploradores do rio Uaupés. *Arch. Amazonas, Manaus*, 1(3) : 55-82.

- BAENA, Antônio Ladislau Monteiro**
 1969 — **Compêndio das eras da Província do Pará.** Belém, Univ. Federal do Pará. 395p. (Coleção Amazônica, sér. José Veríssimo).
- BASTIDE, Roger**
 1951 — "Religion and the church in Brazil". In: SMITH, T. Lynn & MARCHANT, A. **Brazil; portrait of half a continent.** New York, Dryden.
- BETENDORF, J. Felipe, S. I.**
 1910 — *Chronica da missão dos padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão.* **R. Inst. Hist. Geogr. Bras.,** Rio de Janeiro, 72(1). 697p.
- DANIEL, João**
 1840-41 — *Thesouro descoberto no máximo rio Amazonas.* **R. Inst. Hist. Geogr. Bras.,** Rio de Janeiro, 2:329-74, 459-512; 3:39-52, 158-83, 282-97, 422-41.
- FUKUI, Lia Freitas Garcia**
 1973 — A "riqueza do pobre", relação pais e filhos entre sitiantes tradicionais brasileiros. **R. Inst. Estudos Brasileiros,** São Paulo, 14:67-77.
- GALVÃO, Eduardo**
 1951 — *Panema.* **R. Mus. Paul.,** São Paulo, n. ser. 4:221-25.
 Ms — *Viagem ao rio Negro, em 1951 — notas de campo* [inérito].
 Ms — *Viagem ao rio Negro, em 1954 — notas de campo* [inérito].
 1955 — **Santos e Visagens; um estudo da vida religiosa de Itá, Amazonas.** São Paulo, Ed. Nacional. 202p. (Brasília, 284).
 1959 — *Aculturação indígena no rio Negro.* **B. Mus. Pa. Emílio Goeldi,** Belém, n. ser. Antrop. 7, 60p., il.
 1964 — **Encontro de sociedades tribal e nacional no rio Negro, Amazonas.** [Sobretiro. Actas e Memórias 35. Congresso Internacional Americanistas, Mexico, 1962. Mexico, 1964. p. 329-40].
- HERSKOVITS, Melville J.**
 1952 — **Man and his works; the science of cultural anthropology.** New York, A. Knopf. 678p.
- MALINOWSKI, B.**
 1949 — **The dynamics of culture change: an inquiry into race relations in Africa** (Ed. Phyllis M. Kaberry) 4. ed., New Haven, Yale University Press.

MATTA, Roberto da

- 1973 — "Panema: uma tentativa de análise estrutural". In: **Ensaaios de Antropologia Estrutural**. Petrópolis, Vozes. p. 63-92.

OLIVEIRA, Adélia Engrácia de & GALVÃO, Eduardo

- 1973 — A situação atual dos Baniwa (Alto Rio Negro) — 1971. In: O MUSEU GOELDI no ano do sesquicentenário. **Publ. Avulsas Mus. Pa. Emílio Goeldi**, Belém, 20:24-40.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de

- 1967 — Problemas e hipóteses relativos à fricção interétnica: sugestões para uma metodologia. **R. Inst. C. Sociais**, Rio, 4(1):41-91.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de

- 1967 — Bairros rurais paulistas; estudo sociológico. **R. Mus. Paul.**, São Paulo, n. ser. 17:63-208.

- 1968 — O catolicismo rústico no Brasil. **R. Inst. Estudos Brasileiros**, São Paulo, 5:103-23.

- 1973 — **O campesinato brasileiro: ensaios sobre civilização e grupos rústicos no Brasil**. Petrópolis, Vozes; São Paulo, Ed. da Univ. de São Paulo. 242p.

REIS, Arthur Cezar Ferreira

- 1944 — **O processo histórico da economia amazonense**. Rio de Janeiro.

- 1953 — **O Seringal e o Seringueiro**. Rio de Janeiro, Serviço de Informação Agrícola. 149p. (Documentário da vida rural, 5).

SÁ, Samuel

- 1973 — Agentes interculturais em Arca dos Engenhos. In: O MUSEU GOELDI no ano do sesquicentenário. **Publ. Avulsas Mus. Pa. Emílio Goeldi**. Belém, 20:163-77.

SAMPAIO, Francisco Xavier Ribeiro de

- 1907 — Appendice ao Diário da viagem que em visita e correição das povoações da Capitania de S. José do Rio Negro fez o Ouvidor e Intendente Geral da mesma no ano de 1774-75. In: **Ann. Bibl. Arch. Públ. do Pará**, Belém, 6:69-118, mapas.

SOCIAL SCIENCE RESEARCH COUNCIL SUMMER SEMINAR IN ACCULTURATION, 1953.

- 1954 — Acculturation; an exploratory formulation. **Amer. Anthropol.**, Washington, D.C. 56(6):973-1000.

STAVENHAGEN, Rodolfo

- 1966 — “Estratificação social e estrutura de classes (um ensaio de interpretação)”. In: **ESTRUTURA de classe e estratificação social**. Rio de Janeiro, Zahar. p. 117-48 (Textos básicos de Ciências Sociais).

STRADELLI, E.

- 1929 — Vocabulários da língua geral português-nheengatú-português, precedidos de um esboço de Grammatica nheenga-umbuê-sáua miri e seguidos de contos em língua geral nheengatú poranduua. **R. Inst. Hist. Geog. Bras.**, Rio de Janeiro, 104(158):9-768.

WAGLEY, Charles

- 1957 — **Uma comunidade amazônica (estudo do homem nos trópicos)**. Trad. de Clotilde da S. Costa. São Paulo, Edit. Nacional (Brasiliana, 290).
- 1967 — “O estudo das comunidades amazônicas”. In: **SIMPÓSIO SOBRE A BIOTA AMAZÔNICA**. Belém, 1966. **Atas**. H. Lent, ed. Rio de Janeiro, CNPq. v. 2: Antropologia p. 41-55.
- 1968 — **The Latin American tradition**. New York, Columbia University, 242p.

WOLF, Eric R.

- 1956 — Aspects of group relations in a complex society: Mexico. **Amer. Anthrop.**, Menasha, 58:1065-78.
- 1970 — **Sociedades camponesas**. Rio, Zahar. 150p. (Curso de Antropologia Moderna)

Entregue para publicação em 2/4/75

APÊNDICE I

Trecho do “**Appendice ao Diário da Viagem** que em vizita, e correição das Povoações da Capitania de S. José do Rio Negro fez o Ouvidor e Intendente Geral da mesma, Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio no anno de 1774-75”. (1907)

p. 75-77 : —

“He facto innegavel que do tempo das Missoés havia maior numero de Indios do que agora (**a**) As/ causas são palpaveis. No tempo das Missoés, todo o cuidado de hum Missionario que governava a sua Aldêa no temporal, era fazer continuos Descimentos (**b**) para ella; para o que havia muitas facilidades que presentemente se não encontrão.

Era permittida a escravidão dos Indios, em certos casos, e debaixo de varias condiçoés, que tudo fraudava a Impudencia, a Desumanidade, e a barbara Ambição. Achavão-se por esta causa os Sertoés abertos.

Havia Negociantes de Escravos; estabelecião-se, para melhor facilitarem o seu infame commercio, nas Aldeas dos Principaes mais poderosos, com os quaes fazião tratados para aquelle commercio. Os escravos erão comprados a fazendas. Para os principaes adquirirem escravo, hião fazer guerra a outros menos potentes (**c**), outras vezes para comprarem ou pagarem as fazendas, davão os Orfãos da sua propria Nação ou vassallos a que conservavão menos affecto.

Para se evitarem estes abuzos, se dêterminarão as tropas de Resgate, assim chamadas por se destinarem air resgatar os Indios, ou já escravos, ou que estavão guardados para serem comidos : Procurando-se este meio defazer a escravatura por Authoridade publica, e se evitarem os abuzos; e pela mesma Authoridade se repartião os Escravos pelos Moradores pago a preço do resgate á Fazenda Real. Deixo de fallar nos inconvenientes desta segunda Regulação; porque tudo derogou a Ley de 6 de Junho de 1755.

E somente para o meu proposito, digo; que como por estas causas, as entradas do Sertão erão francas, havia mais meios de fazer os

(**a**) Sirva de exemplo a Povoação de Bararóá hoje Thomar. Contava esta Povoação 1200 homens de guerra; e terá agora 140 —. E a esta proporção os mais deste rio.

(**b**) Tem se adoptado o termo Descimento, para significar as transmigrações dos Indios dos Matos para as nossas Povoações.

(**c**) Estas guerras erão nimamente destructivas; ficavão as Aldeas destruidas; passavão-se Nações inteiras para o Orinoco. Claras origens da diminuição dos Indios do Rio Negro.

Descimentos; e como/erão continuas as guerras (a) de umas Nações com outras, para captivarem escravos, e os venderem aos Negociantes, ou as Tropas de Resgates: Aquellas Nações menos poderozas, e quese vião perseguidas com as guerras, admittião facilmente a falla, ese vinhão aldear entre nós. O que ainda agora succede; que os Descimentos, que actualmente se praticão, pela maior parte, são dos Indios, que não podem rezistir aos seus Inimigos. Cessou pois o furor daquellas Guerras com a justa abolição da escravidão, ecessou aquella abundancia, e numero de Descimentos: Cessarão as frequentes e seguras entradas nos Sertões, ese extinguiu hum dos meios de as facilitar. He certo, que os premios são meios de adquirir Descimentos, e que elles se tem posto, econtinua a pôr emexecução; porem este heo menor attractivo para Homens, independentes, e leva bastantes despezas á Real Fazenda, e muitas vezes inutilizadas com a fugida dos Indios Descidos. Estas despezas se não fazião tão Largamente pelos Missionarios; porque tambem lhes devia pouco cuidado que os Indios ou Indias andassem vestidos, como agora costumão nas nossas Povoações.

(a) Os mesmos cabos das tropas fomentavão as Guerras para darem con-summo à Fazenda que trazião, Sua e de ElRey.

O Cabo e officiaes cada um resgatava para si: O Missionario que era o Juiz de Legitimidade do captivo tinha concessão Regia para resgatar cem cazaís. Muitas pessoas se juntavão á Tropa alcançando Alvarás. Cada tropa, por estas cauzas, fazia para cima de 5000 escravos, durarão as Tropa 30, e tantos annos.

APÊNDICE 2

Trecho de: "As Explorações e os Exploradores do Rio Uaupés" publicada no **Arquivo do Amazonas**, 1907, vol. 1 — n.º 3 e cujo diretor era Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha.

p. 63-65 :

"O estado lamentavel do abandono de grande numero de povoações da mais importante Missão do Amazonas, no Uaupés e Içana, cuja população indigena mostrou-se mais accessivel a civilização do que a dos outros rios, que confluem com o Solimões, e mesmo com o Negro, só deve-se attribuir as seguintes causas :

Em 1º logar aos excessos e abusos de autoridade continuadamente praticados nas deligencias incumbidas pelos commandantes da fronteira do Cucuí (Cucuhy) dos / fortes de S. Gabriel e Marabitanas, e dos destacamentos militares do Içana, Ipunoré, Ichié (Xié) e Chibarú, e manifestados com mais vexame ainda, quando executada ou pelo commandante de companhia do corpo de Trabalhadores de S. Gabriel, com o fim de recrutar indios para o serviço publico, nas obras da capital, e das fortificações das provincias, pelo subdelegado de policia do districto, ou pelo inspector de qualquer um dos seus quarteirões para equipagem de canoas do correio ou do expresso militar.

2º As deshumanas caçadas effectuadas pelos subdelegados de policia de qualquer districto ou pelo inspetor de quarteirão respectivo, em commissão de recrutador de menores para aprendizes marinheiros, degeneradas estas em violentas **pega-pegas de curumis e cunhantã** dentro do proprio domicilio, e nas povoações, para dal-os de presente, como **chirimbabos**, aos potentados das capitaes do Amazonas, Pará e do Imperio.

3º A' immoral e criminosa pratica do regatão de levar de sitio em sitio, com fins illicitos mercantis ao meio social, ainda que barbaro, mesmo selvagem, do indio, que nem ao menos falava o nhengatú, de envolto com as suas mercadorias o vicio de embriaguez, a prostituição, os crimes de furto, roubo, homicidio e de reduzir pessoas livres á escravidão, comprando do pai, a troco das mesmas mercadorias, filhos e filhas; do marido a mulher e do tuchaua os desnaturados pais e desbrizados maridos, para os vender depois aos seringueiros e pescadores de pirarucú, peixe boi e tartaruga, á moeda corrente;

4º A prevaricação inaudita do director ou do missionario, salvando as honrosas excepções que locupleta-se dos brindes remettidos pelo governo, para serem gratuitamente distribuidos aos indios, com a permuta que, em seu próprio interesse, faz delles por salsa, cupaiba, pias-

saba, puchuri, borracha, caoutchouc, breu, baunilha, carajurú, farinha, cumarú, tucum em rama, fio e redes, curahuá em rama, fio e redes, etc.

5º A crua e canibal perseguição aos índios do Ipunoré no Lago do Espelho que desde 1900 fazem dentro dessa parte do território brasileiro sem respeito das leis e autoridades constituídas, alguns colombianos sem instrução, nem educação e por indole perversos, verdadeiras anthiteses de outros que primam pela sua instrução, educação, sensatez, amor a ordem, respeito a instituição brasileira, e espirito humanitario, vivendo em plena paz com os mesmos índios;

6º Ao seringueiro, do baixo rio Negro, que interna-se nas vastas bacias do Uaupés e Içana, remonta suas cachoeiras, devassa suas florestas, assalta casa a casa dos seus índios, e viola o lar de cada uma das familias destes, para seduzir com fementidas promessas de lucros vantajosos o dono da casa, o irmão, sobrinho, cunhado e filho, fiando mercadorias á elles, ás suas mulheres, ás filhas, irmãs, cunhadas e sobrinhas.

E' esta a peor causa, porque excita um a um, por meio da cachaça, já embriagados, a promoverem **dabucuris** saturnaes, no meio das quaes prostitue-lhes enlevadas por essas barbaras e debochadas dan-/sas, esposa, filha, cunhada e sobrinha.

Depois da festa, no dia seguinte, isola do marido a esposa, do pae os ternos filhinhos, do filho o pae e a mãe estremecidos, do irmão a irmã, da qual é o amparo, e os conduz para os seringaes dos districtos de Santa Izabel, S. Joaquim, Thomar, Moreira, Barcellos e Carvoeiro.

Contractados por tempo de poucos mezes, ali os seduz ao captiueiro para nunca mais deixarem que volvam á sua casa e nesta continuarem a zelar e arrimar sua familias, cuidar das suas roças, pescarias e caçadas, evitar que fique reduzida ao mais triste e desolador abandono, por faltar-lhe **uhí** (farinha), **pirá** (peixe), **hiua** (fruta), devido a sua ausência, a sua idolatrada **chemiricu** (esposa), aos seus adoraveis **cuahira** (pequeninos) e estimaveis **renira** (irmãs).

O isolamento a que ficam estes seus tão queridos entes sujeitos, causa-lhe a miseria e mata-os a fome.

Nenhum homem deixa-lhes ficar o seringueiro para abrir a sua roça e mariscar para alimentarem-se.

E' esta a triste sorte a que os condemna o seringueiro!

A propria habitação delles tão feliz e alegre outr'ora reduz-se por este meio n'um cemiterio sem uma cruz siquer para assignalar que ahi jazem os restos mortaes de muitos infelizes que a mentira, o embuste a vil seducção do seringueiro os fez succumbir sem o amparo do esposo, do pai, e do irmão que foram-lhes roubados do lar para os seringaes expostos a desolação, a miseria, a fome, a deshonra e a morte!"

TABELA 1
Quadro comparativo do local de coleta ou extração, época, modo de coletar e maneira de preparar os produtos vegetais extraídos

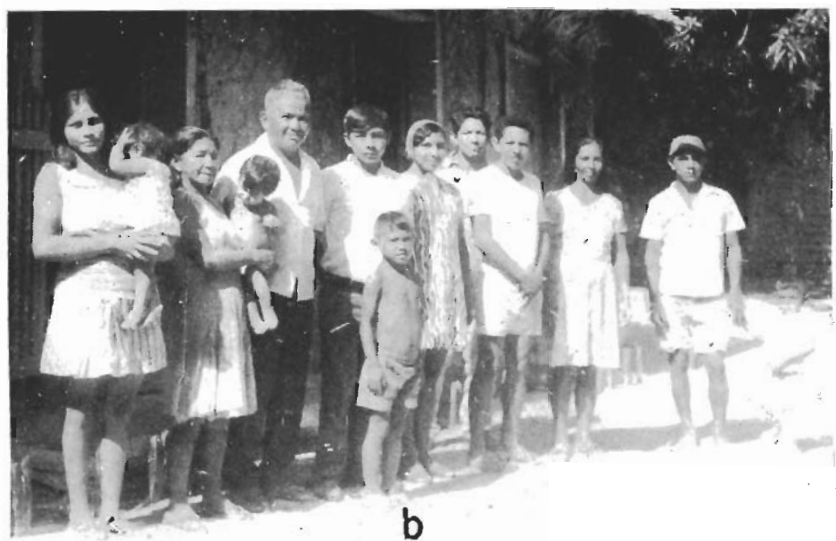
Produtos	Local	Época	Modo de coletar	Maneira de preparar
Sorva	próximo aos igarapés	"inverno"	derrubada da árvore. O "leite" é aparado numa lata ou cabaça	ferver o leite" no sentido de coallhá-lo e depois este é colocado num pano forrado com palha de sororoca.
Ucuquirana	próximo aos igarapés	"verão" e "inverno" (este principalmente)	mesmo processo da sorva	cozinhar o leite "coletado" e depois talhá-lo para tirar a água. A seguir o produto é colocado numa caixa de papel forrada com palha de sororoca e posto n'água para endurecer.
Rosada	próximo aos igarapés	"verão" e "inverno"	mesmo processo da sorva	mesmo processo da ucuquirana
Maçaranduba	próximo aos igarapés	"verão" e "inverno"	mesmo processo da sorva	mesmo processo da ucuquirana
Seringa	várzeas e ilhas	outubro a Janeiro ("verão")	cuta na árvore com facas especiais. Corte tipo "bandeira" e "espinha de peixe". Usam de preferência latas para coletar o látex.	o látex é defumado para coagulação numa "fornalha" (*)
Cipó titica	mata, próximo aos igarapés	"verão" e "inverno" (este principalmente)	cutar o cipó	descascá-lo, colocá-lo a secar no sol e depois arrumá-lo em "pacotes".
Piaçaba	mata, próximo aos igarapés	"verão" e "inverno" (este principalmente)	limpar os fios com batidas de pau e depois cortá-los	pantear os fios com as mãos e depois amarrá-los em "piraibas".
Castanha	mata, terrenos elevados	"inverno", principalmente de maio a julho	quebrar o ouriço	

(*) — A "fornalha" é um forno subterrâneo, alimentado por cavacos de madeira com um "suspiro" por onde sai a fumaça. (Cf. Galvão, 1959: 19).



a) Casas; **b)** A capela
(Fotos A. E. Oliveira, 1972)

ESTAMPA II



a) Mãe e filho; b) Familiares do líder da povoação
(Fotos E. Galvão, 1972)



a) Barco de regatão; b) Transporte de mandioca
(Fotos A. E. Oliveira, 1972)



a) Rancho de farinha na roça;



b

b) Transporte de palha (Fotos A. E. Oliveira, 1972)

OLIVEIRA, Adélia Engrácia de. São João — Povoado do rio Negro (1972). Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Nova série: Antropologia, Belém (58):1-56, mai. 1975. ilustr.

RESUMO: Dados etnográficos preliminares sobre a povoação de São João, à jusante de Santa Isabel do Rio Negro (Tapuruquara) - AM. Além de um esboço histórico da colonização dessa área, é focalizada a morfologia do povoado, as atividades econômicas, o relacionamento social, o ensino, a comunicação e as manifestações religiosas. Discute-se: a possibilidade de seus habitantes serem enquadrados dentro das características do campesinato; o ritmo lento de transformação em ocorrência; a interação com o grupo de vizinhança e a região, e o reflexo de acontecimentos nacionais e internacionais na vida social. Bibliografia. Apêndices.

CDU 572(811.3-17)

CDD 572.9811

MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

t